



E.S.T.E.1 **Estudo** **Sistematizado** **do Tarefeiro** **Espírita-Parte 1**

Centro Espírita Paulo e Estevão

“Um centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outro na senda eterna”.

“O Centro Espírita” - Reformador, jan. 1951-Emmanuel

OS OBREIROS DO SENHOR

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade!

Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado.

Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhe dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para o obra!. Mas aí daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! Clamarão: “Graça! Graça!”. O Senhor, porém, lhes dirá: “Como implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhe as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Como suplicais graças, vós que buscaste a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. “Nada mais vos cabe pedir, as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra”.

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no Reino dos Céus”.

O Espírito de Verdade. (Paris, 1863)

1ª. AULA- DINÂMICA NA CASA ESPÍRITA

Introdução

Em toda casa espírita, existe, como consequência do funcionamento e do ensino da Doutrina dos Espíritos, uma dinâmica que necessita de uma conscientização maior dos dirigentes para melhor impulsionar o trabalho.

Definição

Dinâmica é a parte da mecânica que estuda o movimento dos corpos e as forças que o produzem.

Na Casa Espírita, a sua Estrutura, funciona como a mecânica a qual possibilita a atuação dos dirigentes, médiuns e tarefeiros, fazendo assim movimentar as Sessões Especializadas, ou seja, os trabalhos de Assistência Espiritual, assistência social, Escolas, etc.

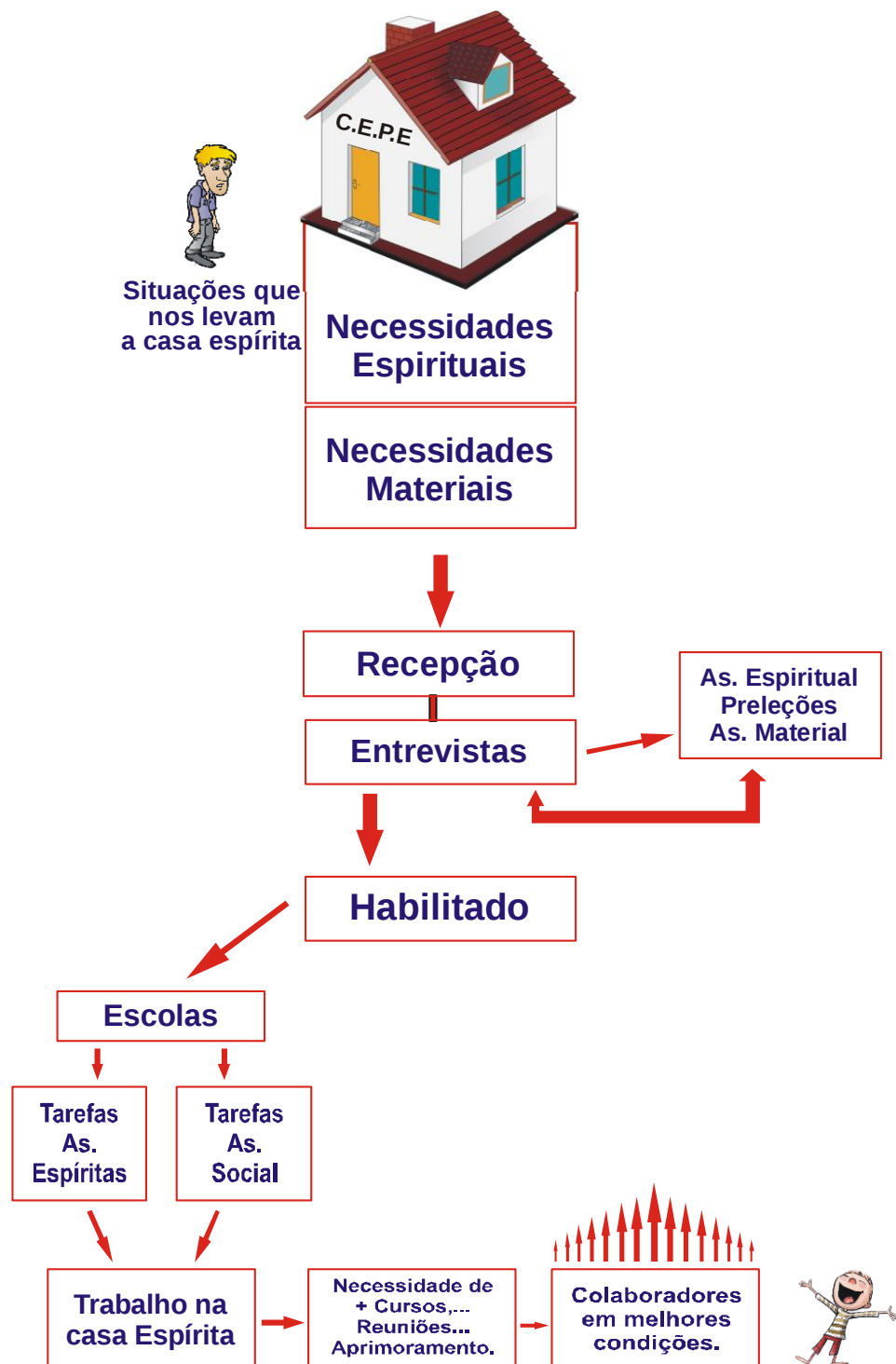
Os participantes ao concluírem seus estágios nessas sessões, tornam-se a força impulsionadora da dinâmica.

Neste movimento contínuo, que é a própria dinâmica, teremos o aprimoramento eterno de nossa casa Espírita.

FLUXOGRAMA NA CASA ESPÍRITA

Chegamos à casa espírita assim:





Com o passar do tempo, com todo o nosso esforço + a ajuda que recebemos de pessoas que nos amam + a dinâmica da casa espírita, ficamos assim:



Bibliografia- Reuniões de orientação à dirigentes de sessões espíritas- Feesp.
Material do D.O.D.- Cepe.

2ª. AULA - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DE UMA CASA ESPÍRITA

ESTRUTURA DE UMA CASA ESPÍRITA

Definição- Estruturar é organizar, distribuir, encadear ou dispor interdependentemente as partes ou os elementos que irão compor um todo.

O resultante desta composição é que irá constituir a estrutura de um edifício, de um time de futebol, de uma escola, de um Centro Espírita.

Ao ser organizado, a estrutura obedece certos critérios a fim de que se torne sólida, equilibrada e incapaz de ruir. Na Casa Espírita, ela está diretamente ligada à organização das sessões especializadas, que, interligadas entre si no funcionamento da casa, constituirão uma estrutura homogênea e definida. Esta estrutura tem como finalidade, formar a base da Casa Espírita, capaz de sustentar o desenvolvimento de todos os trabalhos, conforme os objetivos prioritários e consequentes de cada sessão especializada.

Assim, o Centro Espírita estruturará sem riscos de desmoronamento, as condições que irão promover o aprimoramento do homem através do estudo e da vivência evangélica em liberdade, fraternidade e amor.

A constituição da estrutura de uma Casa Espírita, abrange três preocupações definidas e interligadas:

- 1- Estrutura física: corresponde todo o aspecto de localização, disposição de salas, cadeiras e mesas; horários; colaboradores, disponibilidades financeiras; denominação de entidades, etc. É importante lembrarmos que existem locais que deverão ser evitados como: residências ocupadas por moradores, locais comerciais ou industriais, terrenos de uso comum e todas aquelas construções que não estejam de acordo com o Código de Obras Públicas do Município.
Na escolha do nome que o Centro irá receber, devemos evitar aqueles que lembram ligações com outros religiosos e aqueles muito extensos.
- 2- Estrutura Evangélico-Doutrinário: compreende toda organização e definição das sessões especializadas; material didático doutrinário para os cursos: bibliotecas: normas de trabalho que orientarão as atividades específicas de cada função dentro da sessão.
- 3- Estrutura Prática: compreende a execução de tudo que fora organizado na estrutura evangélico-doutrinária dentro dos limites da estrutura física.

FUNCIONAMENTO DA CASA ESPÍRITA

Definição:

É o desenvolvimento prático de sua estrutura, ou seja, é a ação ou efeito de estruturar.

Para isto são necessários:

1-Diretoria:- composta por elementos que responderão pela casa e suas atividades em todos os níveis, e, que deverão ser periodicamente eleitos conforme regulamentação estatutária, compondo a Diretoria Executiva.

2-Departamentos: - são repartições ou setores específicos, que responderão pelo funcionamento de cada área de trabalho da casa espírita. Cada departamento procederá a sua ação através da organização de sua estrutura física, evangélico-doutrinária e prática, sendo que, conforme o volume de trabalho e o número de colaboradores deverá constituir também, sua Diretoria Executiva, ou, simplesmente manter um Coordenador responsável e auxiliar.

3-Sessões Especializadas e suas interligações: são as colunas que sustentarão a estrutura da Casa Espírita em perfeitas condições de funcionamento. Interligam-se e formam um só ideal de trabalho e de propósitos, pela igualdade de objetivos que buscam atingir dentro da Casa Espírita.

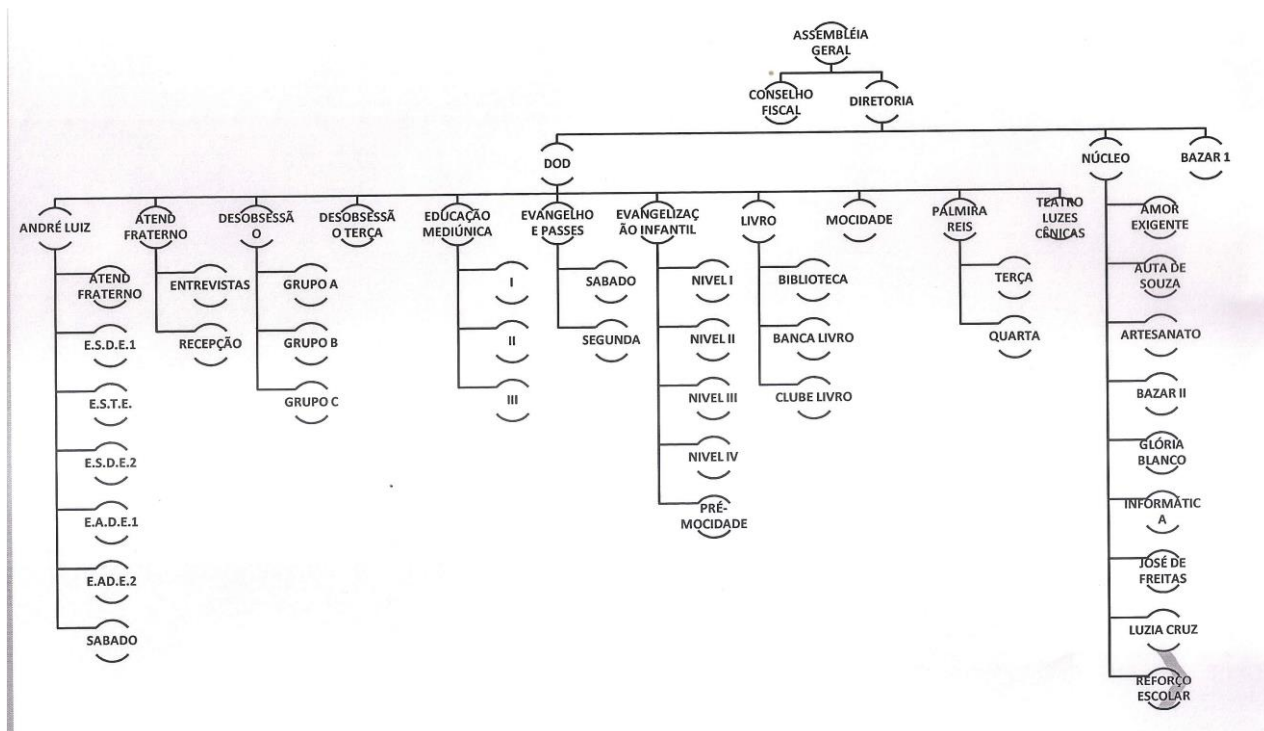
ESTATUTO

É formado pelo conjunto de leis ou regulamentos que irá definir e posicionar as diretrizes que a Casa Espírita deverá assumir. Nele se registrará todas as atribuições da Diretoria Executiva; do funcionamento do Centro; e das responsabilidades de todos os colaboradores em seus respectivos Departamentos; dos direitos e dos deveres dos membros da Casa Espírita.

REGIMENTO INTERNO

Pautado no estatuto, norteia cada departamento e ou reunião existente, como toda sua estrutura de funcionamento. Ex. dia, horário, objetivos, etc.

ORGANOGRAMA



CRONOGRAMA

Consiste em atividades a serem realizadas pelo CEPE, em datas específicas. Será alterado anualmente de acordo com o que for deliberado em reuniões do DOD e NAPE.

Bibliografia- Reuniões de orientação à dirigentes de sessões espíritas- Feesp.
Material do D.O.D.-Cepe.

3. AULA - O TRIPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita ressalta da própria conceituação que lhe dá Allan Kardec: O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: [é ainda Kardec quem afirma] o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos:

1º. Os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental;

2º. Os que lhe percebem as consequências morais;

3º. Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova, de ideias que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.

Assim, consoante as palavras de Kardec, podemos identificar o tríplice aspecto do Espiritismo:

a) científico – concernente às manifestações dos Espíritos;

b) filosófico – respeitante aos princípios, inclusive morais, em que se assenta a sua doutrina;

c) religioso – relativo à aplicação desses princípios.

O ESPECTO CIENTÍFICO

Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem.

Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram.

Os fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Eles constituem o meio de comunicação entre o nosso mundo físico e o mundo espiritual, de características diferentes, mas que não impedem o intercâmbio, que sempre houve, entre os vivos e os mortos, segundo a terminologia usual.

O caráter científico deflui ainda das seguintes conclusões de Allan Kardec: O Espiritismo, pois, não estabelece com o princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.

Gabriel Delanne, em sua obra O Fenômeno Espírita também salienta o papel científico do Espiritismo, quando diz: O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente têm sido chamados mortos.

Sendo assim, a [...] Ciência Espírita se classifica [...] entre as ciências positivas ou experimentais e se utiliza do método analítico ou indutivo, porque observa e examina os fenômenos mediúnicos, faz experiências, comprova-os.

O ASPECTO FILOSÓFICO

O aspecto filosófico do Espiritismo vem destacado na folha de rosto de O Livro dos Espíritos, a primeira obra do Espiritismo, quando Allan Kardec classifica a nova doutrina de Filosofia Espiritualista.

Na conclusão dessa mesma obra, Kardec enfatiza:

Falsa ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso [...].

De fato, o [...] Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. Quando o Homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o «como» e o «por que» das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a FILOSOFIA, que mostra o que são as coisas e porque são as coisas o que são.

Em verdade, o Homem quer justificar-se a si mesmo e ao mundo em que vive, ao qual reage e do qual recebe contínuos impactos, procura compreender como as coisas e os fatos se ordenam, em suma, deseja conhecer sempre mais e mais.

O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação.

Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo das relações dos Homens que vivem na Terra com aqueles que já se despediram dela, temporariamente, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento, e demonstra a existência, inquestionável, de algo que tudo cria e tudo comanda, inteligentemente – DEUS.

Definindo as responsabilidades do Espírito – quando encarnado (alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é Filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, razão e consciência.

O ASPECTO RELIGIOSO

O Espiritismo [diz Allan Kardec] é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote [...].

No discurso de abertura da Sessão Anual Comemorativa dos Mortos, na Sociedade de Paris, publicado na Revista Espírita de dezembro de 1968, Allan Kardec, respondendo à pergunta O Espiritismo é uma Religião? Afirma, a certa altura:

O laço estabelecido por uma religião seja qual for o seu objetivo é [...] essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se for assim, perguntarão então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem.

Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se quisesse dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

Em suma, concluímos com Emmanuel:
Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado [...] como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.

Bibliografia-

A gênese Cap. 1, item 54, p. 42. Item 55, p. 44.

Conclusão 6, p. 484.

O Livro dos Espíritos Conclusão 7, p. 486-487.

Obras póstumas (Ligeira resposta aos detratores do espiritismo). Primeira parte, p. 260-261.

O que é o espiritismo Preâmbulo, p. 50.

Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos. Ano 1868.

4ª. AULA - O CREDO ESPÍRITA

Os males da Humanidade provêm da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses gerará constantes misérias.

Sem dúvida, boas leis contribuem para melhorar o estado social, mas são impotentes para tornar venturosa a Humanidade, porque mais não fazem do que comprimir as paixões ruins, sem as eliminar. Em segundo lugar, porque são mais repressivas do que moralizadoras e só reprimem os mais salientes atos maus, sem lhes destruir as causas. Aliás, a bondade das leis guarda relação com a bondade dos homens; enquanto estes se conservarem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, farão leis em benefício de suas ambições pessoais. A lei civil apenas modifica a superfície; somente a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reformá-lo.

Reconhecido, pois, que o atrito oriundo do contacto dos vícios é que faz infortunados os homens, o único remédio para seus males está em se melhorarem eles moralmente. Uma vez que nas imperfeições se encontra a causa dos males, a felicidade aumentará na proporção em que as imperfeições diminuïrem.

Por melhor que seja uma instituição social, sendo maus os homens, eles a falsearão e lhe desfigurarão o espírito para a explorarem em proveito próprio. Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições, que serão duráveis, porque todos terão interesse em conservá-las.

A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente. Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpar a corrupção.

O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas ideias inculcadas desde a infância e que se identificam com o Espírito; está ainda nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir. É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade.

O homem que se esforça seriamente por se melhorar assegura para si a felicidade, já nesta vida. Além da satisfação que proporciona à sua consciência, ele se isenta das misérias materiais e morais, que são a consequência inevitável das suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes só de leve o roçarão. Gozará de saúde, porque não estragará o seu corpo com os excessos. Será rico, porque rico é sempre todo aquele que sabe contentar-se com o necessário. Terá a paz do espírito, porque não experimentará necessidades fictícias, nem será atormentado pela sede das honrarias e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme. Indulgente para com as imperfeições alheias, menos sofrimentos lhe causarão elas, que, antes, lhe inspirarão piedade e não cólera. Evitando tudo o que possa prejudicar o seu próximo, por palavras e por atos, procurando, ao invés, fazer tudo o que possa ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com o seu contacto.

Garante a sua felicidade na vida futura, porque, quanto mais ele se depurar, tanto mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes e cedo abandonará esta terra de provas, por mundos superiores, porquanto o mal que haja reparado nesta vida não terá que o reparar em outras existências; porquanto, na erraticidade, só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que contra ele tenham motivos de queixa.

Vivam juntos alguns homens, animados desses sentimentos, e serão tão felizes quanto o comporta a nossa terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso globo tomará lugar entre os mundos ditosos.

Será isto uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não crê no progresso da alma; não o será, para aquele que crê na sua perfectibilidade indefinida.

O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todos o progresso moral da Humanidade.

Mas, que importam a melhora e a felicidade das gerações futuras, àquele que acredita que tudo se acaba com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se constranger, em domar suas paixões inferiores, em se privar do que quer que seja a benefício de outrem? Nenhum. A própria lógica lhe diz que seu interesse está em gozar depressa e por todos os meios possíveis, visto que amanhã, talvez, ele nada mais será.

A doutrina do "nada" é a paralisia do progresso humano, porque circunscreve as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as ideias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima — cada um por si, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal¹. Uma sociedade fundada sobre o "nadismo" traria em si o germen de sua próxima dissolução.

Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição.

Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das ideias; o porvir lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade real. Da continuidade das relações entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se funda numa lei da Natureza e no interesse de todos.

A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem.

Entretanto, ela é inata no homem. Todas as religiões a proclamam. Por que, então, não deu, até hoje, os resultados que se deviam esperar? É que, em geral, a apresentam em condições que a razão não pode aceitar.

Conforme a pintam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que tenha deixado a Terra, a criatura se torna estranha à Humanidade: nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; cada um, trabalhando para o futuro, unicamente para si trabalha, só em si pensa e isso mesmo para uma finalidade vaga, que nada tem de definido, nada de positivo, sobre que o pensamento se firme com segurança; enfim, porque é mais uma esperança que uma certeza material. Daí resulta, para uns, a indiferença, para outros, uma exaltação mística que, isolando da Terra o homem, é essencialmente prejudicial ao progresso real da Humanidade, porquanto negligencia os cuidados que reclama o progresso material, para o qual a Natureza lhe impõe o dever de contribuir.

Todavia, por muito incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser efetivos. Quantos homens não se sentiram encorajados e sustentados na senda do bem por essa vaga esperança! Quantos não se detiveram no declive do mal, pelo temor de comprometer o seu futuro! Quantas virtudes nobres essa crença não desenvolveu! Não desdenhemos as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem: elas estavam em correspondência com o grau de adiantamento da Humanidade.

Mas, tendo progredido, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas ideias. Se os elementos da fé permanecem estacionários e ficam distanciados pelo espírito, perdem toda influência; e o bem que hajam produzido, em certo tempo, não pode prosseguir, porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias.

Para que a doutrina da vida futura doravante dê os frutos que se devem esperar, é preciso, antes de tudo, que satisfaça completamente à razão; que corresponda à ideia que se faz da sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa ser desmentida de modo algum pela Ciência. É preciso que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida, nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É necessário seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, através das diversas existências.

Tal a ideia que da vida futura apresenta o Espiritismo, O que a essa ideia dá força é que ela absolutamente não é uma concepção humana com o mérito apenas de ser mais racional, sem contudo oferecer mais certeza do que as outras. É o resultado de estudos feitos sobre os testemunhos oferecidos por Espíritos de diferentes categorias, nas suas manifestações, que permitiram se explorasse a vida extracorpórea em todas as suas fases, desde o extremo superior ao extremo inferior da escala dos seres. As

peripécias da vida futura, por conseguinte, já não constituem uma simples teoria, ou uma hipótese mais ou menos provável: decorrem de observações. São os habitantes do mundo invisível que vêm, eles próprios, descrever os seus respectivos estados e há situações que a mais fecunda imaginação não conceberia se não fossem patenteadas aos olhos do observador.

Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade.

A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.

Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. São inúmeras as questões que ele envolve, as quais, no entanto, podem resumir-se nos pontos seguintes que, considerados verdades inconcussas, formam o programa das crenças espíritas.

Bibliografia

(Obras Póstumas, Allan Kardec, 99 - CREDO ESPÍRITA - Preâmbulo.)

5ª.AULA - O PRINCIPIO DE AÇÃO E REAÇÃO

A “lei de ação e reação”, ou princípio de causa e efeito, está relacionado à Lei de Liberdade e à sábia manifestação da Justiça e Bondade Divinas.

Os atos praticados contra a Lei de Liberdade, própria ou alheia, nos conduzem à questão do livre-arbítrio, assim resumida:

[...] O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências.

Devemos ressaltar que sem [...] o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto.

O homem possui o suficiente livre-arbítrio para tomar decisões, e, se [...] ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente.

Essa teoria da causa determinante dos nossos atos ressalta com evidência de todo o ensino que os Espíritos hão dado. Não só é sublime de moralidade, mas também, acrescentaremos, eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-o livre de subtrair-se a um jugo obsessivo, como livre é de fechar sua casa aos importunos. Ele deixa de ser simples máquina, atuando por efeito de uma impulsão independentemente da sua vontade, para ser um ente racional, que ouve, julga e escolhe livremente de dois conselhos um. Aditemos que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, não deixa de agir por impulso próprio, pois que, em definitiva, ele

é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. Consequentemente, as faltas que cometemos têm por fonte primária a imperfeição do nosso próprio Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, carece de livre-arbítrio.

A Justiça e Bondade Divinas estão evidentes nas manifestações da lei de causa e efeito. Desde [...] que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se.

Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso.

Se admitimos a Justiça de Deus, não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque em todas as coisas a causa deve preceder ao efeito; há, pois, necessidade de a alma já ter vivido, para que possa merecer uma expiação.

A expiação é, assim, a manifestação da lei de causa e efeito em decorrência de faltas anteriormente cometidas. Dessa forma, toda [...] falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga.

O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições.

O fato de haver uma relação de causalidade nos problemas, doenças e dores que enfrentamos — consequência de nossas ações — não significa que as causas estejam necessariamente em vidas anteriores. Muitos males que nos afligem têm origem em nosso comportamento na vida atual. E há enfermidades, limitações e deficiências físicas que são decorrentes de mau uso, isto é, usamos mal o corpo e lhe provocamos estragos. [...] Isso acontece particularmente com vícios e indisciplinas que geram graves problemas de saúde.

Por esta razão, ensinam os Espíritos Superiores: De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequências naturais do caráter e do proceder dos que os suportam.

É na vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes da vida mundana que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser. Justa são elas, no entanto, como espólio do passado.

A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria.

O Entendimento [...] da lei de Causa e Efeito nos permite compreender, em plenitude, a justiça perfeita de Deus. Sentimos que tudo tem uma razão de ser, que nada acontece por acaso. Males e sofrimentos variados que enfrentamos estão relacionados com o nosso passado [recente ou remoto]. É a conta a pagar. Mas há outro aspecto, muito importante: Se a dor é a moeda pela qual resgatamos o passado, Deus nos oferece abençoada alternativa – o Bem. Todo esforço em favor do próximo amortiza nossos débitos, tornando mais suave o resgate.

Em Mateus, capítulo 26, versículos 47-52, encontramos referências ao princípio de ação e reação: “E estando ele ainda a falar, eis que veio Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo. Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar, esse é: prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Salve Rabi. E o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste?

Nisto, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. “Então Jesus lhe disse: Mete a tua espada no seu lugar; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” Lucas informa que, em seguida, Jesus tocou a orelha do homem e a curou. O apóstolo Paulo diz algo semelhante na Epístola aos Gálatas (capítulo 6, versículo 7): “Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará.”

Vemos, assim, que há [...] uma relação de causalidade entre o mal que praticamos e o mal que sofremos depois. O prejuízo que impomos ao semelhante é débito em nossa conta, na contabilidade divina.

Entretanto, é oportuno lembrar que não devemos confundir a lei de causa e efeito com a pena de Talião ou com a legislação de Moisés, que preconizam “dente por dente” e “olho por olho”. A lei de causa e efeito, segundo o entendimento espírita, refere-se tanto à manifestação da justiça, bondade e misericórdia divinas quanto à necessidade evolutiva do ser humano de reparar erros cometidos, decorrentes das inflações cometidas contra a Lei de Liberdade. Quando [...] Jesus afirma que quem usa a espada com a espada perecerá, ou Paulo proclama que tudo o que semearmos colheremos, reportam-se ao fato de que receberemos de volta todo o mal que praticarmos, em sofrimentos correspondentes, não necessariamente idênticos, o que equivaleria à sua perpetuação. [...] As sanções divinas não dependem do concurso humano. Todo prejuízo causado ao semelhante provocará desajustes em nosso corpo espiritual, o perispírito, os quais, nesta mesma existência ou em existências futuras, se manifestarão na forma de males redentores.

A literatura espírita é rica de inúmeros exemplos sobre a lei de causa e efeito.

A título de ilustração, citaremos três casos.

VERDUGO E VÍTIMA

O Espírito Irmão X nos conta no livro Contos Desta e Doutra Vida, a seguinte história: O rio transbordava. Aqui e ali, na crista espumosa da corrente pesada,

boiavam animais mortos ou deslizavam toras e ramarias. Vazantes em torno davam expansão ao crescente lençol de massa barrenta. Famílias inteiras abandonavam casebres, sob a chuva, carregando aves espantadiças, quando não estivessem puxando algum cavalo magro.

Quirino, o jovem barqueiro, que vinte e seis anos de sol no sertão haviam enrijado de todo, ruminava plano sinistro. Não longe, em casinhola fortificada, vivia Licurgo, conhecido usurário das redondezas. Todos o sabiam proprietário de pequena fortuna a que montava guarda, vigilante. Ninguém, no entanto, poderia avaliar-lhe a extensão, porque, sozinho, envelhecera e, sozinho, atendia às próprias necessidades.

— O velho — dizia Quirino de si para consigo — será atingido na certa. É a primeira vez que surge uma cheia como esta. Agarrado aos próprios haveres, será levado de roldão... E se as águas devem acabar com tudo, porque não me beneficiar?

O homem já passou dos setenta... Morrerá a qualquer hora. Se não for hoje, será amanhã, depois de amanhã... E o dinheiro guardado? Não poderia servir para mim, que estou moço e com pleno direito ao futuro?...

O aguaceiro caía sempre, na tarde fria. O rapaz, hesitante, bateu à porta da choupana molhada.

— «Seu» Licurgo! «Seu» Licurgo!...

E, ante o rosto assombrado do velhinho que assomara à janela, informou:

— Se o senhor não quer morrer, não demore. Mais um pouco de tempo e as águas chegarão. Todos os vizinhos já se foram...

— Não, não... — resmungou o proprietário —, moro aqui há muitos anos.

Tenho confiança em Deus e no rio... Não sairei.

— Venho fazer-lhe um favor...

— Agradeço, mas não sairei.

Tomado de criminoso impulso, o barqueiro empurrou a porta mal fechada e avançou sobre o velho, que procurou em vão reagir.

— Não me mate assassino!

A voz rouquenha, contudo, silenciou nos dedos robustos do jovem. Quirino largou para um lado o corpo amolecido, como traste inútil, arrebatou pequeno molho de chaves do grande cinto e, em seguida, varejou todos os escaninhos... Gavetas abertas mostravam cédulas mofadas, moedas antigas e diamantes, sobretudo diamantes. Enceguecido de ambição, o moço recolhe quanto acha. A noite chuvosa descera completa...

Quirino toma os despojos da vítima num cobertor e, em minutos breves, o cadáver mergulha no rio. Logo após, volta à casa despovoada, recompõe o ambiente e afasta-se, enfim, carregando a fortuna.

Passado algum tempo, o homicida não vê que uma sombra se lhe esgueira à retaguarda. É o Espírito de Licurgo, que acompanha o tesouro. Pressionado pelo remorso, o barqueiro abandona a região e instala-se em grande cidade, com pequena casa comercial, e casa-se, procurando esquecer o próprio arrependimento, mas recebe o velho Licurgo, reencarnado, por seu primeiro filho...

DÍVIDA AGRAVADA

O Espírito André Luiz nos relata no capítulo 12, da obra Ação e Reação, páginas 215 a 219, a manifestação da lei de causa e efeito numa situação muito comum na atualidade.

O Assistente [Silas] interrompeu a operação socorrista e falou-nos bondoso:

— Temos aqui asfixiante problema de conta agravada. E designando a jovem mãe, agora extenuada, continuou:

— Marina veio de nossa Mansão para auxiliar a Jorge e Zilda, dos quais se fizera devedora. No século passado, interpôs-se entre os dois, quando

recém-casados, impelindo-os a deploráveis leviandades, que lhes valeram angustiosa demência no Plano Espiritual. Depois de longos padecimentos e desajustes, permitiu o Senhor que muitos amigos intercedessem junto aos Poderes Superiores, para que se lhes recompusesse o destino, e os três renasceram no mesmo quadro social, para o trabalho regenerativo.

Marina, a primogênita do lar de nossa irmã Luísa, recebeu a incumbência de tutelar a irmãzinha menor, que assim se desenvolveu ao calor de seu fraternal carinho, mas, quando moças feitas, há alguns anos, eis que, segundo o programa de serviço traçado antes da reencarnação, a jovem Zilda reencontra Jorge e reatam, instintivamente, os elos afetivos do pretérito. Amam-se com fervor e confiam-se ao noivado. Marina, porém, longe de corresponder às promessas esposadas no Mundo Maior, pelas quais lhe cabia amar o mesmo homem, no silêncio da renúncia construtiva, amparando a irmãzinha, outrora repudiada esposa, nas lutas purificadoras que a atualidade lhe ofertaria, passou a maquinar projetos inconfessáveis, tomada de intensa paixão.

Completamente cega e surda aos avisos da sua consciência, começou a envolver o noivo da irmã em larga teia de seduições e, atraindo para o seu escuso objetivo o apoio de entidades caprichosas e enfermias, por intermédio de doentios desejos, passou a hipnotizar o moço, espontaneamente, com o auxílio dos vampiros desencarnados, cuja companhia aliciara sem perceber... E Jorge, inconscientemente dominado, transferiu-se do amor por Zilda à simpatia por Marina, observando que a nova afetividade lhe crescia assustadoramente no íntimo, sem que ele mesmo pudesse controlar-lhe a expansão... Decorridos breves meses, dedicavam-se ambos a encontros ocultos, nos quais se comprometeram um com o outro na maior intimidade... Zilda notou a modificação do rapaz, mas procurava desculpar-lhe a indiferença à conta de cansaço no trabalho e dificuldades na vida familiar. Todavia, em faltando apenas duas semanas para a realização do consórcio, surpreende-se a pobrezinha com a inesperada e aflitiva confissão... Jorge expõe-lhe a chaga que lhe excrucia o mundo interior... Não lhe nega admiração e carinho, mas desde muito reconhece que somente Marina deve ser-lhe a companheira no lar. A noiva preterida sufoca o pavoroso desapontamento que a subjuga e, aparentemente, não se revolta. Mas, introvertida e desesperada, consegue na mesma noite do entendimento a dose de formicida com que põe termo à existência física. Alucinada de dor, Zilda, desencarnada, foi recolhida por nossa irmã Luísa, que já se achava antes dela em nosso mundo, admitida na Mansão pelos méritos maternais.

A genitora desditosa rogou o amparo de nossos Maiores. Na posição de mãe, apiedava-se de ambas as jovens, de vez que a filha traidora, aos seus olhos, era mais infeliz que a filha escarnecida, embora esta última houvesse adquirido o grave débito dos suicidas, em seu caso atenuado pela alienação mental em que a moça se vira, sentenciada sem

razão a inqualificável abandono... Examinando o assunto, carinhosamente, pelo Ministro Sânzio [...], determinou ele que Marina fosse considerada devedora em conta agravada por ela mesma. E, logo após a decisão, providenciou a fim de que Zilda fosse recambiada ao lar para receber aí os cuidados merecidos. Marina falhara na prova de renúncia em favor da irmã que lhe era credora generosa, mas condenara-se ao sacrifício pela mesma irmãzinha, agora imposta pelo aresto da Lei ao seu convívio, na situação de filha terrivelmente sofredora e imensamente amada. Foi assim que Jorge e Marina, livres, casaram-se, recolhendo da Terra a comunhão afetiva pela qual suspiravam; entretanto, dois anos após o enlace, receberam Zilda em rendado berço, como filhinha estremecida. Mas... desde os primeiros meses do rebento adorado, identificara-lhe a dolorosa prova. Zilda, hoje chamada Nilda, nasceu surda-muda e mentalmente retardada, em consequência do trauma perispirítico experimentado na morte por envenenamento voluntário. Inconsciente e atormentada nos refulhos do ser pelas recordações asfixiantes do passado recente, chora quase que dia e noite...

Quanto mais sofre, porém, mais ampla ternura recolhe dos pais que a amam com extremados desvelos de compaixão e carinho... Silenciou o Assistente [...].

Achávamo-nos eu e Hilário, assombrados e comovidos. O problema era doloroso do ponto de vista humano, contudo encerrava precioso ensinamento da Justiça Divina.

DÍVIDA E RESGATE

No livro Contos e Apólogos, capítulo 23, páginas 101 a 104, relata-nos Irmão X emocionante manifestação da lei de causa e efeito, ocorrida entre os séculos dezenove e vinte.

Na antevéspera do Natal de 1856, Dona Maria Augusta Correia da Silva, senhora de extensos haveres, retornava à fazenda, às margens do Paraíba, após quase um ano de passeio repousante na Corte.

Acompanhada de numerosos amigos que lhe desfrutariam a festiva hospitalidade, a orgulhosa matrona, na tarde chuvosa e escura, recebia os sessenta e dois cativos de sua casa que, sorridentes e humildes, lhe pediam a bênção.

Na sala grande, nobremente assentada em velha poltrona sobre largo estrado que lhe permitisse mais amplo golpe de vista, fazia um gesto de complacência, à distância, para cada servidor que exclamava de joelhos:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo, «sinhá»!

— Louvado seja! — acentuava Dona Maria com terrível severidade a transparecer-lhe da voz.

Velhinhos de cabeça branca, homens rudes do campo, mulheres desfiguradas pelo sofrimento, moços e crianças desfilavam nas boas-vindas.

Contudo, em ângulo recuado, pobre moça mestiça, sustentando nos braços duas crianças recém-nascidas, sob a feroz atenção de capataz desalmado, esperava a sua vez.

Foi a última que se aproximou para a saudação. A fazendeira soberana levantou-se, empertigada, chamou para junto de si o cérebro humano que seguia de perto a jovem escrava, e, antes que a pobrezinha lhe dirigisse a palavra, falou-lhe, duramente:

— Matilde, guarde as crias na senzala e encontre-me no terreiro. Precisamos conversar.

A interpelada obedeceu sem hesitação.

E afastando-se do recinto, na direção do quintal, Dona Maria Augusta e o assessor, de azorrague em punho, cochichavam entre si.

No grande pátio que a noite agora amortalhava em sombra espessa, a mãezinha infortunada veio atender à ordenação recebida.

— Acompanhe-nos! - determinou Dona Maria, austeramente.

Guiadas pelo rude capitão do mato, as duas mulheres abordaram a margem do rio transbordante.

Nuvens formidandas coavam no céu os medonhos rugidos de trovões remotos...

Derramava-se o Paraíba, em soberbo espetáculo de grandeza, dominando o vale extenso.

Dona Maria pousou o olhar coruscante na mestiça humilhada e falou:

— Diga de quem são essas duas «crias» nascidas em minha ausência!

— De «Nhô» Zico, «sinhá»!

— Miserável! — bradou a proprietária poderosa — meu filho não me daria semelhante desgosto. Negue essa infâmia!

— Não posso! Não posso!

A patroa encolerizada relanceou o olhar pela paisagem deserta e bramiu, rouquenha:

— Nunca mais verá você essas crianças que odeio...

— Ah! «sinhá» — soluçou a infeliz —, não me separe dos meninos! Não me separe dos meninos! Pelo amor de Deus!...

— Não quero você mais aqui e essas crias serão entregues à venda.

— Não me expulse, «sinhá»! Não me expulse!

— Desavergonhada, de hoje em diante você é livre! E depois de expressivo gesto para o companheiro, acentuou irônica:

— Livre, poderá você trabalhar noutra parte para comprar esses rebentos malditos.

Matilde sorriu, em meio do pranto copioso, e exclamou:

— Ajude-me, «sinhá»... Se é assim, darei meu sangue para reaver meus filhinhos... Dona Maria Augusta indicou-lhe o Paraíba enorme e sentenciou:

— Você está livre, mas fuja de minha presença. Atravesse o rio e desapareça!

— «Sinhá», assim não! Tenha piedade de sua cativa! Ai, Jesus! Não posso morrer...

Mas, a um sinal da patroa, o capataz envilecido estalou o chicote no dorso da jovem, que oscilou, indefesa, caindo na corrente profunda.

— Socorro! Socorro, meu Deus! Valei-me, Nosso Senhor! – gritou a mísera, debatendo-se nas águas.

Todavia, daí a instantes, apenas um cadáver de mulher descia rio abaixo, ante o silêncio da noite...

Cem anos passaram...

Na antevéspera do Natal de 1956, Dona Maria Augusta Correia da Silva, reencarnada, estava na cidade de Passa-Quatro, no sul de Minas Gerais.

Mostrava-se noutro corpo de carne, como quem mudara de vestimenta, mas era ela mesma, com a diferença de que, ao invés de rica latifundiária, era agora apagada mulher, em rigorosa luta para ajudar ao marido na defesa do pão.

Sofria no lar as privações dos escravos de outro tempo.

Era mãe, padecendo aflições e sonhos... Meditava nos filhinhos, ante a expectativa do Natal, quando a chuva, sobre o telhado, se fez mais intensa.

Horível temporal desabava na região.

Alagara-se tudo em derredor da casa singela.

A pobre senhora, vendo a água invadir-lhe o reduto doméstico, avançou para fora, seguida do esposo e das crianças...

As águas, porém, subiam sempre em turbilhão envolvente e destruidor, arrastando o que se lhes opusesse à passagem.

Diante da ex-fazendeira, erguia-se um rio inesperado e imenso e, em dado instante, esmagada de dor, ante a violenta separação do companheiro e dos pequeninos, tombou na caudal, gritando em desespero:

— Socorro! Socorro, meu Deus! Valei-me, Nosso Senhor!

Todavia, decorridos alguns momentos, apenas um cadáver de mulher descia corrente abaixo, ante o silêncio da noite...

A antiga sitiante do Vale do Paraíba resgatou o débito que contraíra perante a Lei.

Bibliografia

O céu e o inferno. Primeira parte. Cap. 7 (Código Penal da Vida Futura), n.º 8, p.9 Item 9, p. 91-92. Item 10, p. 92. Item 31, p.99.

O livro dos espíritos questão 872, p. 398-399.p. 399.p. 401-402.

O que é o espiritismo. Terceira parte. Cap. 3, questão 134, p. 203.

Espiritismo, uma nova era. (O efeito e a causa), p.136.p. 138.p. 138-139. p. 141. Richard Simonetti.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Ação e reação. Cap. 12 (Dívida agravada), p. 215-219. F.C.Xavier.

Contos e apólogos Cap. 23 (Dívida e resgate), p.101-104

6ª. AULA - O TRABALHO E A ASSISTÊNCIA SOCIAL

O trabalho voluntário na casa espírita é um empreendimento de luz voltado para a edificação do amor na Humanidade, atendendo às recomendações de Nosso Senhor Jesus Cristo de que devemos nos amar uns aos outros como Ele nos amou. É tarefa que todo espírita de boa vontade deve realizar espontânea e naturalmente, com o coração cheio de alegria e felicidade.

Diante de uma realidade, onde o trabalho está associado a fontes de renda voltadas para as mais diversas necessidades do trabalhador, desenvolver atividades voluntárias em prol do bem estar social e espiritual do semelhante, sem auferir nenhuma remuneração financeira por isso é, indubitavelmente, exemplo sublime de acolhimento ao chamado de Nosso Senhor Jesus Cristo para a construção de uma nova relação do trabalho com a felicidade, realização e segurança da criatura humana.

O TRABALHO COMO TESTEMUNHO DE FÉ EM DEUS E EM JESUS

Ter fé em DEUS e em JESUS não é, somente, acolher no íntimo SEUS ensinamentos, mas acima de tudo vivenciá-los. Demonstrá-la é dar a DEUS o que é de DEUS, é edificar o amor no coração, é expandir esse amor para as criaturas, é doar-se com alegria e dedicação para que a dor e o sofrimento sejam afugentados do nosso meio. Só isso bastaria para realizarmos nosso trabalho com alegria, sem falar da imensa felicidade de ter como companheiros de jornada os VOLUNTÁRIOS DE JESUS que habitam o plano espiritual da vida.

O TRABALHO COMO FONTE DE REALIZAÇÃO PESSOAL

O conceito de realização pessoal, geralmente, está associado a ganhos financeiros, prestígio profissional, influência social, alcance do mais alto cargo no âmbito do trabalho, e as mais variadas conquistas particulares, para citar alguns aspectos que fundamentam tal conceito. Seus resultados, entretanto, visam, quase que unicamente, o bem estar e o prazer do seu agente, ficando o semelhante numa posição secundária. Esse modelo, contudo, por ser individualista, não tem concorrido para a felicidade sustentável da criatura humana uma vez que muitos dos seus adeptos não lograram êxito no seu propósito, pois a felicidade é uma conquista coletiva. Nesse contexto, a Doutrina Espírita, nos dá um novo paradigma de realização pessoal, uma nova forma de sentir prazer e satisfação íntima. Esse novo modelo fundamenta-se no bem servir ao próximo, fazê-lo feliz, sem nenhuma recompensa exterior, pois estamos aqui para trabalharmos na

edificação do amor no coração das criaturas, único caminho capaz de nos fazer sentir a felicidade plena e a sensação ímpar de realização.

Por atender plenamente a esse novo paradigma, o trabalho voluntário da casa espírita, nas suas mais variadas formas, deve ser vivenciado com muito desprendimento, dedicação, felicidade, esmero e carinho, pois, ao servimos a tantos necessitados e aflitos dos dois lados da vida e também aos benfeitores espirituais que nos assistem, é como se ao Cristo estivéssemos servindo.

O TRABALHO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA UM MUNDO MELHOR NO FUTURO

É certo que não vivemos num mundo ideal, haja vista encarnados e desencarnados comprometidos com a quebra da paz e da harmonia social. Este estado de coisas tem raízes, naturalmente, na ausência de fraternidade, solidariedade e amor entre as criaturas.

Sabemos também que esta não será nossa última reencarnação na Terra, pois ainda temos que aqui retornar para cumprir outros compromissos relacionados com nosso programa evolutivo. Trabalhar hoje no voluntariado do bem com essa lucidez de consciência é plantar na sociedade e nas almas de tantos aflitos e descontraídos na vida, sementes que, com o tempo, florescerão e darão os frutos apropriados à efetivação da paz e da concórdia entre as criaturas. Os efeitos desse labor, com toda certeza, sentiremos, em nossas futuras reencarnações.

O TRABALHO COMO FATOR DE REAJUSTE ESPIRITUAL E RECONCILIAÇÃO

Sendo a Terra um mundo de expiações e provas, é de se esperar que seus habitantes, detentores dos mais variados graus evolutivos, guardem relativa ou acentuada sintonia com os padrões éticos e morais desta categoria de mundo, causa geradora da maioria dos desentendimentos humanos.

Quando do seu surgimento, entretanto, Deus, no infinito de sua sabedoria, encaminha as partes envolvidas para espaços de convivência que favoreçam a restauração da concórdia e do entendimento, então fragilizados.

A casa espírita, pela natureza dos seus propósitos na sociedade terrena, não poderia declinar do chamado divino, para acolher alguns desses irmãos em litígio, no sentido de favorecer sua reconciliação.

Dependendo do grau de discórdia, podem surgir comportamentos de risco para o processo evolutivo das partes e para a funcionalidade da própria instituição, todavia, a espiritualidade benfeitora estará atenta para que dano algum atinja a casa e a causa espírita, pois, no momento certo, agirá,

eficientemente, no sentido de restaurar a paz e a funcionalidade da instituição.

Ante a possibilidade dessa ocorrência refletimos sobre duas situações delicadas: o confronto entre a dinâmica de trabalho do voluntário e aquela existente na instituição e o conflito motivado por ciúme ou vaidade. Em ambos os casos é indispensável que pelo menos uma das partes busque ampliar sua visão do que é servir com amor à causa do Cristo através do Espiritismo. Essa amplitude de vista, fatalmente, as levará ao diálogo fraterno objetivando o reajuste imediato das relações, à compreensão de que nem sempre se pode alcançar tudo num só momento e de que o avanço paulatino das ideias e empreendimentos guardam seus méritos.

Não nos precipitemos assumindo posturas de embates porque, se nossos propósitos forem corretos, mais adiante a espiritualidade benfeitora os fará efetivar-se, sem dano algum a obra e a casa. Nessas situações cabe-nos vigiar, renunciar à contenda, guardar sintonia com o Plano Espiritual Superior porque não interessa ao Espiritismo avanços que deixem no seu rastro desuniões, ódios, rancores, ou coisas similares, pois nossa Doutrina segue as pegadas do Cristo que nos recomenda amarmo-nos uns aos outros e perdoarmo-nos mutuamente para que não venhamos a sofrer futuramente.

Nos casos em que uma das partes se mantenha irredutível, cabe à outra dar seu testemunho de entendimento da lei do amor, recuando temporariamente do seu intento, continuando a exercer seu trabalho com dedicação e empenho, orando pelo(s) companheiro(s) que não o compreendem e, acima de tudo, tratando-os como irmãos.

Ao optarmos pela não agressividade ou pelo não confronto estaremos arando o terreno para, no futuro, germinar com sucesso a semente da reconciliação ora plantada. Um porvir que poderá ocorrer ainda na atual reencarnação.

O TRABALHO COMO RECURSO FAVORÁVEL À DESOBSESSÃO

Sabemos que a obsessão estabelece-se em decorrência das imperfeições humanas, nas relações entre semelhantes, nesta ou em outras existências reencarnatórias e que sua intensidade está intimamente relacionada com os procedimentos e ações sintonizadas com o mal. O inimigo invisível, ao perceber que sua vítima, mesmo com outra vestimenta corpórea, tem comportamento similar ao de outrora, sente-se estimulado a continuar sua vingança no intuito de causar-lhe desconfortos e dores desnecessárias. Se, ao contrário, depara-se com seu desafeto, comportando-se de maneira totalmente diferente da anterior, como por exemplo, atuando

como agente da misericórdia divina no alívio das dores dos semelhantes, ou mesmo contribuindo, com seu trabalho, para a felicidade de criaturas deste ou do outro lado da vida, a energia negativa que venha a liberar em direção à sua vítima será amortizada ou mesmo extinta, pois a força do bem, natural e espontâneo, lhe é superior.

Desta forma, e pelas inúmeras oportunidades de felicidade que o trabalho voluntário na casa espírita nos propicia, alistemo-nos nas suas fileiras e desenvolvamos nossas tarefas com muito amor, alegria, zelo e dedicação. Afinal, poucos são os que percebem que trabalhando no voluntariado do bem estão trabalhando ao lado de Jesus.

Bibliografia- Orientação ao tarefeiro espírita-Federação Espírita Pernambucana.

7ª. AULA - PROGRESSO MORAL E INTELECTUAL

A lei do progresso é inexorável. O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas.

As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.

Há duas espécies de progresso, que uma a outra se prestam mútuo apoio, mas que, no entanto, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os incentivos.

Por isso mesmo atingiu um grau a que ainda não chegara antes da época atual. Muito falta para que o segundo se ache no mesmo nível. Entretanto, comparando-se os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o processo realizado. Ora, sendo assim, por que haveria essa marcha ascendente de parar, com relação, de preferência, ao moral, do que com relação ao intelectual? Por que será impossível que entre o século dezenove e o vigésimo quarto século haja, a esse respeito, tanta diferença quanta entre o décimo quarto século e o século dezenove? Duvidar fora pretender que a Humanidade está no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não é perfectível moralmente, o que a experiência desmente.

Na verdade, o atual progresso alcançado pela Humanidade representa um esforço evolutivo de milênios. Da sensação à irritabilidade, da irritabilidade ao instinto, do instinto à inteligência e da inteligência ao discernimento, séculos e séculos correram incessantes.

A evolução é fruto do tempo infinito.

Outro ponto importante, merecedor de destaque, é que o progresso, moral ou intelectual, é sempre cumulativo. De átomo a átomo, organizam-se os corpos astronômicos dos mundos e de pequenina experiência em pequenina experiência, infinitamente repetidas, alarga-se-nos o poder da mente e sublimam-se-nos as manifestações da alma que, no escoar das eras imensuráveis, cresce no conhecimento e aprimora-se na virtude, estruturando, pacientemente, no seio do espaço e do tempo, o veículo glorioso com que escalaremos, um dia, os impérios deslumbrantes da Beleza Imortal.

O progresso é, principalmente, resultado do esforço individual: quanto maior for o nosso empenho, melhores serão os resultados alcançados. O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, entorpecem-se outros, quais poltrões, nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios autores da sua situação, feliz ou desgraçada, conforme esta frase do Cristo: — A cada um segundo as suas obras.

Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada.

O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

No entanto, o progresso intelectual pode engendrar o progresso moral fazendo [...] compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.

Nesse sentido, a [...] encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral, pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes.

Observando os diferentes graus evolutivos existentes na Humanidade terrestre, compreendemos que uma [...] só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível.

Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade divinas, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo – a perfeição. Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso.

É importante considerar também que o [...] Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra [como encarnado] [...]. O estado corporal e o espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, pelos quais o Espírito tem de passar alternadamente, nas existências peculiares a cada um dos dois mundos.

De posse dessas informações, é possível reconhecer, mesmo numa criança, a soma de progresso que o Espírito já alcançou: basta observar-lhe as tendências instintivas e as ideias inatas. Essa observação nos esclarece, por exemplo, por que existem crianças que se revelam boas em um meio adverso, apesar dos maus exemplos que colhem, ao passo que outras são instintivamente viciosas em um meio bom, apesar dos bons conselhos que recebem.

Na verdade, essas crianças refletem [...] o resultado do progresso moral adquirido, como as ideias inatas são o resultado do progresso intelectual.

Devemos entender que, na essência, não existem obstáculos ao progresso intelectual, conforme nos ensina a Doutrina Espírita. O mesmo, porém, não se dá com o progresso moral. O maior obstáculo ao progresso moral são o orgulho e o egoísmo, segundo palavras de um dos Espíritos da Codificação, o qual, ao elucidar esta informação, nos diz: Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios [orgulho e egoísmo], desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.

O orgulho e o egoísmo, assim como todas as demais imperfeições capazes de retardar a marcha evolutiva da Humanidade, chegarão um dia ao seu término, pois Deus reserva ao ser humano um venturoso estado de plenitude espiritual.

Entretanto, por ora, enquanto nos encontramos no processo evolutivo que a lei do progresso faculta, a [...] suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos puros Espíritos, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade.

BIBLIOGRAFIA

O céu e o inferno- I parte, cap. 3, item 7-8-9- 10.

O livro dos espíritos - Questão 780a-783-785.

O que é o espiritismo - Cap. III, item: O homem durante a vida terrena. Questão 120.

Roteiro. Espírito Emmanuel. Cap. 4 (Na senda evolutiva).

8ª. AULA - VIDA SOCIAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL E ESPÍRITA

No começo do século 21 a sociedade do nosso planeta Terra apresenta grandes desigualdades no atendimento das necessidades básicas (água, alimento, plano de saúde, educação, habitação, saneamento básico etc.) dos seres humanos que estão encarnados. A história já mostrou que as injustiças sociais acabaram destruindo as sociedades que as fomentavam. Há consenso internacional que a América Latina é a região mais desigual do mundo.

O Relatório do Desenvolvimento Humano 2003 publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento apresenta a situação em que se encontra nossa sociedade. Durante a última década mais de 50 nações do mundo ficaram mais pobres. A expectativa de vida em vários países tende a cair como consequência do espalhamento da AIDS entre a população mais jovem. Mais de 30 mil crianças morrem POR DIA de doenças inevitáveis.

Em pleno século 21, existem no mundo 27 milhões de escravos. No Brasil, 60% dos domicílios não têm coleta de esgoto e quase 20% ainda estão sem água encanada e tratada. A doutrina espírita nos ensina as leis que regem as relações dos seres humanos encarnados com os outros encarnados, com os desencarnados e com a Natureza. Este conhecimento deve servir para o melhoramento das condições físicas dos seres encarnados neste planeta. “Cada vida, além de refletir as vidas precedentes, possui seu próprio dinamismo, gerando novas situações e acontecimentos”. Portanto, as desigualdades sociais e as injustiças sociais nem sempre são as consequências de atos de nossas vidas anteriores. Muitas vezes são as consequências diretas dos atos da vida presente. Allan Kardec, no capítulo V de O Evangelho Segundo o Espiritismo, apresenta as seguintes perguntas: “Deve-se por termo às provas do próximo... ? Por acaso conheceis o curso das provas? Sabeis até que ponto elas devem ir?”

Não será que parte do nosso trabalho nesta encarnação é trabalhar decididamente para ajudar a melhorar as condições sociais, econômicas e espirituais de todas essas outras pessoas?

Do ponto de vista espírita “a justiça consiste no respeito aos direitos de cada um”. Portanto, a justiça social consiste no respeito que devemos ter cada um dos membros da sociedade, aos direitos de todos os outros seres humanos encarnados neste planeta.

Os princípios da doutrina espírita para a organização de uma sociedade justa e qual deve ser o compromisso de cada um de nós, seres encarnados, para atingir esse objetivo são:

1. O compromisso com o outro e com a ação.
2. A pobreza é evitável.
3. A sociedade deve intervir ativamente na solução dos problemas sociais.
4. Cada pessoa deve assumir sua responsabilidade frente aos problemas sociais.
5. Educar o coração para a solidariedade e a fraternidade.
6. O compromisso com as próximas gerações e com as outras espécies.

O COMPROMISSO COM O OUTRO E COM A AÇÃO

Este princípio fundamental se baseia no ensinamento que Allan Kardec apresentou em O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Amar ao próximo como a si mesmo; fazer aos outros como quereríamos que nos fizessem”. Esta é a regra de ouro das religiões que já foi ensinada em muitos lugares do mundo, em diferentes épocas da história da humanidade. Esse princípio define o nosso compromisso de ação, de fazer aos outros, de trabalhar para os outros, de ensinar aos outros, de mudar as condições para benefício dos outros etc. Devemos fazer tudo isso como se fosse para nós mesmos. Porque no final, pela lei de causa e efeito, as consequências positivas de todos esses atos retornam para nós mesmos.

Kardec continua afirmando que quando os homens tomem esta máxima como “norma de conduta e como bases de suas instituições” alcançarão a paz e a justiça em nossa sociedade.

A POBREZA É EVITÁVEL

Para atingirmos a justiça precisamos mudar a nós mesmos, mudar o nosso comportamento para agirmos de acordo com as leis divinas. Essas leis devem chegar a ser parte de nossa conduta diária. Além disso, precisamos que esse princípio se aplique aos fundamentos e diretrizes de nossas instituições de educação, do governo, da saúde, do trabalho e da família. Não adianta muito trabalhar só para nossa mudança interior. É necessário trabalharmos para mudar aquelas instituições que não cumprem com a função social para a qual foram criadas. Manuel S. Porteiro concebia que “o Espiritismo envolve um imperativo de ação em favor do ser humano,

particularmente daqueles que sofrem as consequências da pobreza, da ignorância e da injustiça”.

O limite da pobreza está definido como a quantidade mínima de dinheiro que permitiria a um ser humano atender a suas necessidades básicas de alimentação. O Relatório de Desenvolvimento Humano 2003 estima que existem 1.2 bilhões de pessoas que vivem na pobreza absoluta.

A declaração do Milênio da ONU em setembro do ano 2000 estabeleceu o compromisso de todos os países de fazer tudo o que for possível para erradicar a pobreza e definiu como meta reduzir pela metade até o ano 2015 o número de pessoas que vivem na extrema pobreza e que sofrem por causa da fome.

Allan Kardec nos ensina que “a terra produziria sempre o necessário, se o homem soubesse contentar-se. Se ela não supre a todas as necessidades é porque o homem emprega no supérfluo o que se destina ao necessário”.

As principais causas da pobreza e da existência de pessoas com fome são: o desperdício que fazemos dos recursos, a concentração da riqueza em poucas mãos, a corrupção rompedora em muitos países, a prioridade dada aos gastos militares. A ONU estima que precisa de 120 bilhões de dólares por ano para erradicar a pobreza. Os gastos militares mundiais foram de 750 bilhões de dólares durante o ano de 2002. Como podemos deduzir destes dados, seria bastante viável a erradicação da pobreza se mudarmos as prioridades militares para a solução dos problemas socioeconômicos.

O Princípio #9 da Carta da Terra estabelece que devemos erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

Allan Kardec nos ensina que “numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome”. A fome não existe por falta de alimentos. O que falta é o recurso financeiro (a renda) para que todas as pessoas possam constantemente adquirir os alimentos que precisam para nutrir seus corpos físicos. Países como Brasil e Argentina, que são grandes exportadores de alimentos, têm pessoas morrendo de fome no meio da abundância de comida. “Frequentemente ele (o homem) acusa a Natureza pelas consequências da sua imperícia ou da sua imprevidência”.

A SOCIEDADE DEVE INTERVIR ATIVAMENTE NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS SOCIAIS

A sociedade está constituída por três grandes setores, que devem trabalhar juntos para resolver os problemas de tipo social. O primeiro é o

governo que tem como responsabilidade o atendimento das necessidades básicas dos seus cidadãos através de uma distribuição justa dos impostos arrecadados, em obras de saneamento básico, educação, sistema de saúde etc. O governo brasileiro lançou um programa ousado para o combate a fome. É um programa criado para combater a fome e as suas causas estruturais, que geram a exclusão social. A importância que o governo deu a este programa é tão grande que foi criado o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome.

O segundo setor é a empresa privada que deve retribuir à sociedade, onde faz os seus negócios, parte de seus benefícios econômicos através de obras de ajuda às comunidades onde se encontram localizadas. O movimento de responsabilidade social está ganhando força dentro do ambiente empresarial. “As empresas, pelo poder econômico que possuem e pela quantidade de pessoas que influenciam, são parceiros fundamentais para a construção de uma sociedade justa”.

O terceiro grupo é a sociedade civil organizada, comumente chamado de Terceiro Setor. São todas aquelas organizações que tem por objetivo melhorar ou resolver algum aspecto ou problema muito bem específico da nossa sociedade. Os nossos centros espíritas pertencem a este grupo.

Allan Kardec nos ensina: “Dai esmolas quando necessário, mas o quanto possível converta-a em salário, a fim de que aquele que a recebe não tenha do que se envergonhar”. É importante a esmola para resolver os problemas mais iminentes da fome e da miséria de muitos seres humanos, mas devemos ter como objetivo a educação e a capacitação de todas essas pessoas para que elas mesmas consigam se sustentar de uma maneira digna com o fruto do seu trabalho.

“Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, deve-se prover a vida do fraco, sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade”.

Os três setores devem trabalhar em parceria para a solução mais rápida e eficiente dos problemas sociais. Essas parcerias permitem compartilhar experiências, conhecimentos e recursos e podem conseguir melhores resultados do que alcançaria cada um atuando isoladamente.

CADA PESSOA DEVE ASSUMIR SUA RESPONSABILIDADE FRENTE AOS PROBLEMAS SOCIAIS

Allan Kardec nos ensina que “o Espírito sofre por todo o mal que fez ou do qual foi causador involuntário, por todo o bem que, tendo podido fazer, não o fez, e por todo o mal que resultar do bem que deixou de

fazer”. Portanto, não é suficiente não fazer o mal senão que devemos fazer o bem em todas as oportunidades da vida, porque aquilo de bom que deixamos de fazer pode dar chance ao aparecimento e ao crescimento de situações não muito boas para a sociedade.

No preâmbulo da Carta de Terra se estabelece que “cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos”. Todos nós encarnados neste planeta azul somos responsáveis, alguns em grau maior do que outros, pela situação atual da nossa sociedade. Pela lei de causa e efeito somos responsáveis pelas consequências dos nossos atos ou do que deixamos de fazer para melhorar as condições do futuro do planeta. Quanto mais instrução tiver e em melhor condição econômica estivermos, maior é a nossa responsabilidade para melhorar as condições sociais, porque teremos maior conhecimento para compreender os fenômenos naturais e os movimentos sociais. E se dispormos de maiores recursos financeiros também podemos ter um impacto maior porque podemos criar novas instituições ou sustentar algumas já existentes que providenciam fontes de trabalho. A quem mais se dá mais se exigirá.

Por que deixamos que as coisas chegassem até o ponto que estamos de pobreza, miséria e violência? Parte do problema é o que Allan Kardec mencionou em O Livro dos Espíritos: “os bons são tímidos. Estes, quando quiserem, assumirão a preponderância”. Cada um de nós deve assumir a sua responsabilidade, deixar de lado a timidez e começar o trabalho de expressar seu pensamento sobre os problemas sociais sob a ótica espírita e colaborar com ações que sirvam de exemplo para os outros. Esse é o caminho para assumir a preponderância do bem e da justiça no nosso planeta.

EDUCAR O CORAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE E A FRATERNIDADE

Allan Kardec nos ensina que “educação é o conjunto de hábitos adquiridos”. Vamos adquirindo esses hábitos através da observação do exemplo das ações de outros seres humanos que dedicam sua vida para o melhoramento do nosso meio ambiente físico e social. Mas, não podemos ficar simplesmente na observação. Precisamos participar diretamente e ativamente na solução dos problemas que afligem a nossa sociedade. Devemos participar em atividades junto com outros seres humanos para ajudar a resolver algum problema social específico. Devemos dar o nosso apoio financeiro e dedicar parte de nosso tempo para aliviar o sofrimento humano.

A solidariedade deve ser traduzida em práticas de apoio, cooperação, comunicação e diálogo entre os membros da sociedade. As pessoas que

realizam trabalhos que procuram reduzir o sofrimento alheio vão desenvolvendo o sentimento de fraternidade e solidariedade com relação a todos os seres humanos.

Se “a fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social” então devemos nos educar, educar os nossos filhos e educar os demais integrantes da sociedade nos princípios fundamentais que sustentam e incentivam a fraternidade com o objetivo de promover as bases da nova ordem social.

Esses princípios universais são a existência de Deus, a preexistência e a sobrevivência da alma, o progresso contínuo, a lei de causa e efeito e a lei da reencarnação.

O COMPROMISSO COM AS PRÓXIMAS GERAÇÕES E COM AS OUTRAS ESPÉCIES

A doutrina espírita nos ensina que reencarnamos muitas vezes neste planeta ou em outros mundos de acordo com as nossas necessidades de aprendizado. Todas nossas ações ou a falta delas atingem a sociedade e seus membros. Essa ação pode ser favorável à justiça social ou pode ir contra a estabilidade social. Com nossas ações atuais estamos criando as condições futuras da sociedade.

A consequência dessas ações pode ser experimentada nesta mesma vida ou numa existência futura. Vamos colher o que hoje estamos semeando. Se queremos uma sociedade justa devemos contribuir para a implementação de um novo modelo de desenvolvimento que leve em consideração, não só o aspecto econômico, senão também os aspectos social e ambiental.

As leis morais apresentadas por Kardec no livro terceiro de O Livro dos Espíritos servem de fundamento para cada um dos três pilares do desenvolvimento sustentável: o crescimento econômico, a preservação do meio ambiente e a justiça social. As leis do progresso e do trabalho podem orientar o rumo para o progresso econômico.

As leis de conservação, reprodução e destruição são guias para a preservação do nosso meio ambiente físico e espiritual. As leis de sociedade, igualdade, liberdade, amor, justiça e caridade são o alicerce para estabelecer as bases das instituições de uma sociedade justa.

Para enfrentar os grandes problemas sociais devemos procurar o conhecimento no pensamento social espírita. “O espiritismo além de ser uma ciência experimental e filosófica, é uma ideologia social”. Os princípios da doutrina espírita nos levam à convicção que devemos colocar em ações,

que devemos materializar em atos e fatos os conhecimentos espirituais para o Nosso planeta.

Manuel S. Porteiro sintetiza muito bem o nosso compromisso como espíritas para trabalhar por uma sociedade justa. Ele disse que “o espírita pode e deve influir na sociedade para que desapareça, ou pelo menos diminua, a injustiça econômica e os males que ela gera, demonstrando que a verdadeira sociedade exige justiça, solidariedade e amor”.

Temos muito para fazer. Precisamos agir agora e participar mais ativamente do movimento em favor da justiça social.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO ESPÍRITA

É perfeitamente compreensível o desgosto e desinteresse das pessoas com relação às questões sociais de um modo geral. A sensação de impotência, de dificuldade de ação e de intervenção nos rumos da vida coletiva, traz esse distanciamento que, na verdade, ao invés de contribuir prejudica ainda mais uma situação já complicada.

É compreensível, como dissemos, mas não aceitável nem justificável. Não se pode aceitar de quem deseja e acredita na possibilidade de uma sociedade melhor, nada faça para que isso aconteça, e apenas faça coro com os descontentes.

Não é justificável porque a vida individual e coletiva é mais que a soma de nossas vontades, por isso pode tomar rumos imprevistos e até indesejáveis. Na verdade, temos que compreender, sobretudo, que o que temos aí pelo mundo afora, é o resultado de nossa trajetória coletiva nesse planeta que sai da condição de expiações e provas, a caminho de um nível melhor, chamado de regeneração, nos termos da codificação espírita.

Há, portanto, uma transição em andamento e que depende das ações dos encarnados, tanto quando dos desencarnados, para que se conclua a contento.

Há uma tendência de se rotular determinadas atividades como indignas de atenção ou como não diretamente ligada à doutrina espírita. Esse é o resultado não só de preconceitos que devem ser superados, como também de um entendimento imperfeito da própria doutrina espírita, pois a parte terceira de O livro dos espíritos, compilado por Kardec, é dedicada a um conjunto de constantes universais (ele chama de leis), que organizam e equilibram o Universo, cada um de nós como parte dele. Cabe a cada espírita consciente de seu papel na Terra, contribuir para a realização dessas leis que tratam do Trabalho, da Liberdade, da Igualdade e de tantas outras, indispensáveis para a criação de um ambiente de crescimento espiritual

melhor, aqui mesmo nesse planeta em que por ora estagiamos. Lavar as mãos é tornar-se complacente com o erro e, em certos casos, cúmplice dele.

É também natural e perfeitamente compreensível que cada um aja dentro de seus conhecimentos e limites. Nem todos têm vocação ou interesse por medicina, matemática ou psicologia. Mas, isso não significa que sejam campos de atuação a serem deixados à margem de nosso mínimo entendimento.

O que se pode concluir desse arrazoado é que não podemos nos eximir das obrigações sociais, espirituais, como não podemos nos eximir de nossos deveres profissionais, familiares ou para conosco mesmo. Temos responsabilidades sobre o que acontece em outras partes, afetando almas irmãs em jornadas diferentes das nossas, mas igualmente relevantes para o crescimento espiritual. Cruzar os braços é estacionar e afetar outras pessoas com essa atitude, ou mesmo induzir a descrença e o descrédito nas questões terrenas que fazem de nossas vidas o que elas são.

Enfim, se queremos uma sociedade mais humana e justa, e um mundo melhor, teremos que construí-los, pois somos cocriadores, prolongamentos da vontade divina quando exercemos e praticamos o bem. É como lemos na literatura básica espírita: somos tão responsáveis pelo mal que causamos, como pelo bem que deixamos de fazer.

Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos" – .

A sociedade humana, acompanhando a evolução dos seres que a compõe, se transforma ao longo do tempo. As realidades econômicas e culturais se renovam, adequando-se as necessidades de aprendizado das comunidades que as vivem. Assim, o que em um momento parece ser o auge do aperfeiçoamento humano, no seguinte se vê superado por novas descobertas, por melhorias ou por melhor compreensão dos seus fundamentos.

O panorama da história humana visto sob a ótica espírita se apresenta como uma longa caminhada em rumo de uma sociedade mais fraterna e voltada para a realização do ser humano. Há momentos em que um aspecto ou outro se destacam que civilizações ensaiam uma ou outra lição, mas visivelmente há uma linha condutora. Essa linha condutora é a conscientização gradativa dos indivíduos de que fazemos parte de um todo maior, que nossa vida influencia e é influenciada por tudo o que nos rodeia.

Dos primitivos agrupamentos humanos, que se reuniam em torno das fogueiras buscando proteção mútua contra os predadores, até as modernas

corporações multinacionais, aprendemos a conviver em comunidades cada vez mais complexas, passamos a entender e a controlar grandezas físicas que nos permitiram mudar o meio ambiente ao nosso redor, mas principalmente nos tornamos cada vez mais interdependentes e conscientes do nosso impacto sobre o mundo em que vivemos.

É fácil de constatar essa interdependência. Uma crise econômica do outro lado do mundo afeta os empregos por aqui. A subida do preço de uma commodity internacional impacta nos índices de inflação e na taxa de juros. Pequenas mudanças no clima, provocadas pela indústria de um país, afetam os níveis do mar em outro.

E no âmbito local, pessoas e empresas estão aprendendo que não é possível crescer sem que haja um desenvolvimento da comunidade que a cerca. Não somente a elevação da renda, para que existam consumidores, mas outros aspectos antes ignorados. Tornam-se cada vez mais evidentes as relações entre a saúde financeira da empresa e os benefícios diretos e indiretos que ela traz para a sociedade. Uma nova forma de lucro está surgindo, aquela em que ele é derivado da admiração que a empresa provoca no mercado.

O Espírita, consciente da realidade espiritual e da importância do momento em que estamos não pode deixar de ver com bons olhos esta transformação no mundo corporativo. As noções de sustentabilidade e responsabilidade social prenunciam a empresa do amanhã.

As forças que estão levando as empresas a adotarem esta nova postura são principalmente a globalização econômica e a constatação científica do aquecimento global. Nada acontece por acaso, a transformação de mentalidade provocada por estas forças vai à mesma direção que a que seria provocada pela aplicação dos princípios espíritas às ciências econômicas e sociais.

No fundo os efeitos positivos da responsabilidade social e da sustentabilidade são derivados da aplicação da lei de ação e reação em aspectos da vida cotidiana. Ao buscar o bem do próximo, mesmo que devido à estratégia de negócios, a empresa atua de forma positiva.

"-- Toda ação traz os seus frutos; os das boas ações são doces e os das outras são sempre amargos; sempre, entendi bem isso."

Resposta dos Espíritos a questão 810. Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos" –

Somos responsáveis por nossos atos e se queremos um mundo melhor temos que arregaçar as mangas e trabalhar para que ele aconteça. Se quisermos que nossa vida pessoal seja melhor, melhoraremos a vida dos que nos rodeiam. Se quisermos que nosso negócio prospere, espalhemos a prosperidade entre funcionários, clientes, vizinhos e parceiros. O mundo nos retorna o resultado de nossas ações.

Artigo publicado originalmente no Boletim do GEAE, Ano 16, número 531

Bibliografia

UNDP. Relatório do Desenvolvimento Humano 2003. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Um Pacto Entre Nações para Eliminar a Pobreza Humana; julho de 2003

J. Aizpúrua. El Pensamiento Vivo de Porteiro. pág. 130.

A. Kardec. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V - nº 27,

A. Kardec. O Livro dos Espíritos, perg.875,705,930,888,932,685^a.,

A. Kardec. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XI - nº 4.

J. Aizpúrua. El Pensamiento Vivo de Porteiro, pág. 136.

UNDP. Relatório do Desenvolvimento Humano 2002.

Carta da Terra. Princípios. (www.earthcharter.org)

A. Kardec. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XVI - nº 13.

P. Singer. Uma Vida Ética. Fome, Riqueza e Moralidade, págs. 140-141.

A. Kardec. A Gênese, cap. XVIII - nº 17.

A. Kardec. Obras Póstumas. Questões e Problemas, pág. 194.

M. S. Porteiro. Concepto Espírita de la Sociologia, pág. 10.

M. S. Porteiro. Concepto Espírita de la Sociologia, pág. 26.

Fonte: Trabalho apresentado no VIII Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado de 17 a 19 de outubro de 2003, em Santos-SP, organizado pelo Instituto Cultural Kardecista de Santos (ICKS).

9ª. AULA - CARIDADE I

CARIDADE E EDUCAÇÃO

Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar.

É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim a que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. (...).
O Livro dos Espíritos, comentários à questão 685.

CARIDADE E SOLIDARIEDADE

É evidente que, se não fossem os preconceitos sociais, pelos quais se deixa o homem dominar, ele sempre acharia um trabalho qualquer, que lhe proporcionasse meio de viver, embora deslocando-se da sua posição. Mas, entre os que não têm preconceitos ou os põem de lado, não há pessoas que se veem na impossibilidade de prover às suas necessidades, em consequência de moléstias ou outras causas independentes da vontade delas?
‘Numa sociedade organizada segundo a lei de Cristo ninguém deve morrer de fome.’

Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado.

Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor.
O Livro dos Espíritos, questão 930.

CARIDADE E ESMOLA

Que se deve pensar da esmola?

‘Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. Deve

assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns. ’

Dar-se-á reproveis a esmola?

‘Não; o que merece reprovação não é a esmola, mas a maneira por que habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão. (...). ’

O Livro dos Espíritos, questão 888.

A resposta à questão 886 de O Livro dos Espíritos fala-nos a respeito do “verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus”, ou seja, “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

A caridade sendo virtude por excelência constitui a mais alta expressão do sentimento, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as criaturas.

Vulgarmente confundida com a esmola – essa dádiva humilhante que sobeja e representa inutilidade – a caridade excede, sobre qualquer aspecto considerado, as doações externas com que se supõe em tal atividade encerrá-la.

Se condenado a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. Não que a esmola mereça reprovação, mas a maneira por que habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

Sem dúvida, valioso é todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna ao que padece tal ou qual aflição.

CARIDADE E FILANTROPIA

Entretanto, a caridade que se restringe às oferendas transitórias, não poucas vezes pode ser confundida com filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que identifica certos homens ao destinarem altas somas que se aplicam em obras de incontestável valor, financiando múltiplos setores da Ciência, da Arte, da Higiene, do Humanismo...

Henry Ford, John Rockefeller foram filantropos eméritos a cuja contribuição a Humanidade deve serviços de inapreciável qualidade.

Vicente de Paulo, Damien de Veuster, João Bosco e tantos outros, todavia, se transformaram em apóstolos da caridade, pois que nada possuindo entre os valores transitórios do dinheiro e do poder, ofertaram tesouros de amor e fecundaram, em milhões de vidas, o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver...

Para a legítima caridade é imprescindível a fé...

A caridade é sobretudo cristã...

A filantropia, não obstante o valioso tributo de que se reveste, independe da fé, não se caracteriza pelo sentimento cristão, é irreligiosa, brotando em qualquer indivíduo...

Escusam-se muitos de não poderem ser caridosos, alegando precariedade de bens, como se a caridade se reduzisse a dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus e proporcionar um teto aos desabrigados.

Além dessa caridade, de ordem material, outra existe - a moral, que não implica o gasto de um centavo sequer e, não obstante, é a mais difícil de ser praticada.

Exemplos? Eis alguns:

Seríamos caridosos se, fazendo bom uso de nossas forças mentais, vibrássemos ou orássemos diariamente em favor de quantos saibamos acharem-se enfermos, tristes ou oprimidos, sem excluir aqueles que porventura se considerem nossos inimigos.

Seríamos caridosos se, em determinadas situações, nos fizéssemos intencionalmente cegos para não vermos o sorriso desdenhoso ou o gesto desprezivo de quem se julgue superior a nós.

Seríamos caridosos se, com sacrifício de nosso valioso tempo, fôssemos capazes de ouvir, sem enfado, o infeliz que nos deseja confiar seus problemas íntimos, embora sabendo de antemão nada pudermos fazer por ele, senão dirigir-lhe algumas palavras de carinho e solidariedade.

Seríamos caridosos se, ao revés, soubéssemos fazer-nos momentaneamente surdos quando alguém, habituado a escarnecer de tudo e de todos, nos atingisse com expressões irônicas ou zombeteiras.

Seríamos caridosos se, disciplinando nossa língua, só nos referíssemos ao que existe de bom nos seres e nas coisas, jamais passando adiante notícias que, mesmo sendo verdadeiras, só sirvam para conspurcar a honra ou abalar a reputação alheia.

Seríamos caridosos se, embora as circunstâncias a tal nos induzissem, não suspeitássemos mal de nossos semelhantes, abstando-nos de expender qualquer juízo apressado e temerário contra eles, mesmo entre os familiares.

Seríamos caridosos se, percebendo em nosso irmão um intento maligno, o aconselhássemos a tempo, mostrando-lhe o erro e despersuadindo-o de o levar a efeito.

Seríamos caridosos se, privando-nos, de vez em quando, do prazer de um programa radiofônico ou de T.V. de nosso agrado, visitássemos pessoalmente aqueles que, em leitos hospitalares ou de sua residência, curtem prolongada doença e anseiam por um pouco de atenção e afeto.

Seríamos caridosos se, embora essa atitude pudesse prejudicar nosso interesse pessoal, tomássemos, sempre, a defesa do fraco e do pobre, contra a prepotência do forte e a usura do rico.

Seríamos caridosos se, mantendo permanentemente uma norma de proceder sereno e otimista, procurássemos criar em torno de nós uma atmosfera de paz, tranquilidade e bom humor.

Seríamos caridosos se, vez por outra, endereçássemos uma palavra de aplauso e de estímulo às boas causas e não procurássemos, ao contrário, matar a fé e o entusiasmo daqueles que nelas se acham empenhados.

Seríamos caridosos se deixássemos de postular qualquer benefício ou vantagem, desde que verificássemos haver outros direitos mais legítimos a serem atendidos em primeiro lugar.

Seríamos caridosos se, vendo triunfar aqueles cujos méritos sejam inferiores aos nossos não os invejássemos e nem lhes desejássemos mal.

Seríamos caridosos se não desdenhássemos nem evitássemos os de má vida, se não temêssemos os salpicos de lama que os cobrem e lhes estendêssemos a nossa mão amiga, ajudando-os a levantar-se e limpar-se.

Seríamos caridosos se, possuindo alguma parcela de poder, não nos deixássemos tomar pela soberba, tratando, os pequeninos de condição, sempre com doçura e urbanidade, ou, em situação inversa, soubéssemos tolerar, sem ódio, as impertinências daqueles que ocupam melhores postos na paisagem social.

Seríamos caridosos se, por sermos mais inteligentes, não nos irritássemos com a inépcia daqueles que nos cercam ou nos servem.

Seríamos caridosos se não guardássemos ressentimento daqueles que nos ofenderam ou prejudicaram, que feriram o nosso orgulho ou roubaram a nossa felicidade, perdando-lhes de coração.

Seríamos caridosos se reservássemos nosso rigor apenas para nós mesmos, sendo pacientes e tolerantes com as fraquezas e imperfeições daqueles com os quais convivemos, no lar, na oficina de trabalho ou na sociedade.

E assim, dezenas ou centenas de outras circunstâncias poderiam ainda ser lembradas, em que, uma amizade sincera, um gesto fraterno ou uma simples demonstração de simpatia, seriam expressões inequívocas da maior de todas as virtudes.

Nós, porém, quase não nos apercebemos dessas oportunidades que se nos apresentam, a todo instante, para fazermos a caridade.

Por quê?

É porque esse tipo de caridade não transpõe as fronteiras de nosso mundo interior, não transparece, não chama a atenção, nem provoca glorificações.

Nós traímos, empregamos a violência, tratamos ou outros com leviandade, desconfiamos, fazemos comentários de má fé, compartilhamos do erro e da fraude, mostramo-nos intolerantes, alimentamos ódios, praticamos vinganças, fomentamos intrigas, espalhamos inquietações, desencorajamos iniciativas nobres, regozijamo-nos com a impostura, prejudicamos interesses alheios, exploramos os nossos semelhantes, tiranizamos subalternos e familiares, desperdiçamos fortunas no vício e no luxo, transgredimos, enfim, todos os preceitos da Caridade, e, quando cedemos algumas migalhas do que nos sobra ou prestamos algum serviço,

raras vezes agimos sob a inspiração do amor ao próximo, via de regra fazemo-lo por mera ostentação, ou por amor a nós mesmos, isto é, tendo em mira o recebimento de recompensas celestiais.

Quão longe estamos de possuir a verdadeira caridade!

Somos, ainda, demasiadamente egoístas e miseravelmente desprovidas de espírito de renúncia para praticá-la.

Mister se faz, porém, que a exercitemos, que aprendamos a dar ou sacrificar algo de nós mesmos em benefício de nossos semelhantes, porque "a caridade é o cumprimento da Lei."

Bibliografia - Evangelho segundo o Espiritismo

As Leis morais – Rodolfo Calligaris

O Livro dos Espíritos

10ª. AULA - SUPERANDO DIFICULDADES E OBSTÁCULOS

Deus não escolhe os capacitados. Capacita os escolhidos.

Como superar dificuldades e obstáculos em ambientes de trabalho e em equipe?

RECURSOS NECESSÁRIOS PARA TRABALHO EM EQUIPE

- Grupo ou Equipe?

Grupo é um conjunto de pessoas com objetivos comuns, em geral se reúnem por afinidades. Já Equipe é um conjunto de pessoas com objetivos comuns atuando no sentido de realizar um trabalho específico. Segundo Suzy Fleury, psicóloga e consultora empresarial e esportiva: "Grupo são todas as pessoas que vão ao cinema para assistir ao mesmo filme. Elas não se conhecem, não interagem entre si, mas o objetivo é o mesmo: assistir ao filme. Já equipe pode ser o elenco do filme: todos trabalham juntos para atingir uma meta específica, que é fazer um bom trabalho, um bom filme. Numa equipe, todos sabem aonde se quer chegar e caminham juntos na mesma direção, muitas vezes, apoiando-se uns nos outros.

- Compreender as características e os objetivos do trabalho

Para caminhar na mesma direção é essencial conhecer os objetivos do trabalho e o contexto onde ele está inserido.

“Para quem não sabe aonde se quer chegar, qualquer direção serve.”

Essa frase explica bem o que nunca deve ser feito.

Como coordenador de uma equipe, deixe sempre muito claro quais as finalidades da tarefa e as ferramentas que possuem para realizá-la.

Como participante de uma equipe de trabalho, procure sempre se informar sobre os objetivos, métodos, rotinas e todo o contexto da tarefa que realizam.

- Compreender os deveres e as responsabilidades

Já ciente do objetivo da equipe, é importante ter claro quais serão suas atribuições dentro da equipe e, além disso, seguem alguns importantes deveres:

- Conhecer o Grupo onde presta serviços e as tarefas que lhe foram atribuídas;
- Escolher cuidadosamente a área onde deseja atuar, conforme seus interesses, seus objetivos, habilidades pessoais e disponibilidade nos grupos, garantindo um trabalho eficiente;
- Ser responsável no cumprimento dos compromissos assumidos livremente como voluntário. Só se comprometer com o que de fato puder fazer;
- Respeitar valores e crenças das pessoas com as quais trabalha;

- Aproveitar as capacitações oferecidas, através de uma atitude aberta e flexível;
- Trabalhar de forma integrada e coordenada com o grupo onde presta serviço;
- Manter em absoluto sigilo assuntos confidenciais;
- Acolher de forma receptiva a coordenação e a supervisão de seu trabalho;
- Usar de bom senso para resolver imprevisto, informando os responsáveis;
- Comunicar ao grupo, se for do seu desejo ser desligado temporário ou definitivamente.

- Integração do grupo

A integração é essencial como mecanismo de aprendizagem e socialização. Conhecer os objetivos da equipe, as suas ferramentas de trabalho, o contexto onde está inserido, as pessoas que fazem parte da equipe e o ambiente de trabalho fazem parte do processo de integração no grupo.

Desenvolver relações maduras: Relações maduras significam relações de interdependência, e não de dependência e independência.

Saber falar: Fale com clareza e transparência, respeitando os sentimentos do semelhante. Jamais agrida e na discussão de problemas, procure soluções e nunca culpados.

Saber ouvir: Permita sempre que o outro fale e quando ele falar, ouça com muita atenção, mesmo que não concorde com ponto de vista dele.

- Reciclar sempre

Invista no autoconhecimento e esteja aberto a reavaliar seus pontos de vistas.

Visões e percepções diferentes são sempre bem-vindas. O trabalho e todos que participam dele podem agregar fatos novos e visões alternativas ao modo de trabalhar em equipe.

“Em qualquer setor de trabalho a ausência de estudo significa estagnação” – André Luiz

- Reuniões periódicas

Acompanhar o desenvolvimento da tarefa, compartilhar as dificuldades e soluções, corrigir rumos que estão inadequados e outras questões fundamentais podem encontrar nas reuniões periódicas, soluções satisfatórias.

CONTRIBUIÇÕES DA DOUTRINA ESPÍRITA

Principais causas dos problemas de relacionamento: O Orgulho e o Egoísmo

Recursos fundamentais para a solução: A Oração e a Humildade

O orgulho e o egoísmo dão origem à questão do melindre, tão ouvido no meio espírita. Vejamos:

- » O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece.
O E.S.E – cap IX item 9
- » “A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância, que por orgulho atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.”
Obras Póstumas – O Egoísmo e o Orgulho
- » “Há ainda aqueles cuja suscetibilidade é levada ao excesso; que se melindram com as mínimas coisas, mesmo com o lugar que lhes é destinado nas reuniões se não os põem em evidência (...).”
Allan Kardec, discurso pronunciado nas reuniões gerais dos Espíritas de Lyon e Bordeaux
- » É essencial ter plena consciência que nenhum de nós é insubstituível. (...) Portanto, o trabalho do Bem não necessita de nós. Nós é que necessitamos do trabalho do Bem para evoluir. Por isso, se alguém enterra o talento, outro o substituirá.
Alírio de Cerqueira Filho,
Modelos de liderança, trabalho e autotransformação, p. 95

A ORAÇÃO

"Por isso vos digo: Todas as coisas que vós pedirdes, orando, crede que as haveis de receber e que assim vos sucederá" (Jesus Cristo, no Evangelho de São Marcos, Capítulo, versículo 24).

É-nos permitido orar em favor da equipe de trabalho que participamos, rogando ao Senhor que ilumine e inspire os seus membros?

Diante de situações difíceis, podemos rogar aos Céus a luz para encontrar as soluções mais adequadas?

Nas situações conflitantes e quando temos dificuldades de relacionamento com algum companheiro, podemos fazer uso da oração para que o Criador nos auxilie a superar essa dificuldade?

Isso trará algum tipo de resultado?

A HUMILDADE

A humildade não está na pobreza,
não está na indigência,
na penúria, na necessidade,
na nudez e nem na fome.
A humildade está na pessoa que tendo
o direito de reclamar, julgar, reprovar
e tomar qualquer atitude
compreensível no brio pessoal, apenas abençoa.

VINTE EXERCÍCIOS

- Executar alegremente as próprias obrigações
- Silenciar diante da ofensa
- Esquecer o favor prestado
- Exonerar os amigos de qualquer gentileza para conosco
- Emudecer a nossa agressividade
- Não condenar as opiniões que divergem da nossa
- Abolir qualquer pergunta maliciosa ou desnecessária
- Repetir informações e ensinamentos sem qualquer azedume
- Treinar a paciência constante
- Ouvir fraternalmente as mágoas dos companheiros sem biografiar nossas dores
- Buscar sem afetação o meio de ser mais útil
- Desculpar sem desculpar-se
- Não dizer mal de ninguém
- Buscar a melhor parte das pessoas que nos comungam a experiência
- Alegrar-se com a alegria dos outros
- Não aborrecer quem trabalha
- Ajudar espontaneamente
- Respeitar o serviço alheio
- Reduzir os problemas particulares
- Servir de boa mente quando a enfermidade nos fira
- O aprendiz da experiência terrena que quiser e puder aplicar-se, pelo menos, a alguns dos vinte exercícios aqui propostos, certamente receberá do Divino Mestre, em plena escola da vida, as mais distintas notas no curso da Caridade.

Pelo espírito Sheilla – do livro: Ideal Espírita, médium: Francisco Cândido Xavier – Espíritos Diversos

Bibliografia: Aspectos Comportamentais da Gestão de Pessoas – FGV
O Melindre no Centro Espírita – Claudia Scholl

11ª. AULA - VOLUNTARIADO- O QUE É?

BENEFÍCIOS, DEVERES E RESPONSABILIDADES.

Há um grande número de pessoas que colaboram e contribuem, dia a dia, para um mundo melhor: os voluntários. A ação voluntária acontece a partir da vontade de se exercer a cidadania, quando o indivíduo passa a se enxergar como peça fundamental na solução dos problemas sociais locais, capaz de criar ou transformar a realidade.

Temos nossa sociedade dividida em 3 setores, conforme sua natureza e objetivo. O primeiro setor é composto pelas organizações governamentais que trabalham com recursos públicos para atender a todo o público. O segundo setor é composto pelas empresas privadas, que trabalham com recursos privados e objetivam o lucro. O terceiro setor é constituído por organizações sem fins lucrativos que trabalham com recursos públicos e privados para atender a todo o público.

Para facilitar a visualização dessa estrutura da nossa sociedade, fragmentamos cada setor, embora isso não signifique que os setores trabalhem separadamente.

Todos constroem juntos os ambientes em que vivemos.

1º SETOR É conhecido como setor público. É o Estado propriamente dito, representado por suas organizações nas esferas federal, estadual e municipal. O Estado deve prover as necessidades básicas e estruturais da população e instituições, utilizando recursos públicos.

2º SETOR É o setor privado, representado pelas organizações com fins lucrativos que atuam no mercado. É composto pelas empresas comerciais e industriais, que oferecem serviços e produtos para a população. Aqui encontramos a utilização de recursos privados para fins privados.

3º SETOR É formado pela sociedade civil organizada e atua na prestação de serviço ou apoio técnico para o desenvolvimento das políticas sociais de interesse público, firmando parcerias com governos e iniciativa privada. Muitas vezes, as Organizações do Terceiro Setor atuam em áreas pouco atendidas pelo Setor Público, outras vezes fortalecem uma demanda da sociedade, defendem os direitos das minorias, dos animais e da natureza, etc. Assim, o terceiro setor utiliza recursos privados e públicos para fins públicos. São elas: Ongs, Instituições Religiosas, Clubes de Serviços; Entidades Benéficas, Centros sociais, Organizações de Voluntariado, etc.

Você também, ao atuar como voluntário será um importante integrante do 3º setor!

O QUE É SER VOLUNTÁRIO

“Voluntário é o ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade. Doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, e atende não só às necessidades do próximo, como também aos imperativos de uma causa. O voluntário atende também suas próprias motivações pessoais, sejam elas de caráter religioso, cultural, filosófico ou emocional.” (Fundação Abrinq)

“O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos”. (ONU – Organização das Nações Unidas)

“O voluntário é o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário”. (Conselho da Comunidade Solidária)

QUEM É O VOLUNTARIO?

É a pessoa que doa a seu trabalho, suas potencialidades e talentos em uma função que o desafia e gratifica em prol de uma realização pessoal. Ao analisarmos essa definição, encontraremos quatro elementos:

Qualificação: o conceito moderno de voluntariado está muito ligado à execução de um trabalho qualificado, que leva em conta o talento e as habilidades de quem o executa.

Satisfação: é um trabalho exercido com prazer, garra, que fascina e dá um sentimento de plenitude para quem o executa.

Doação: a entrega de horas de sua vida em prol do próximo, da comunidade, é resultado de um amor transbordante, que precisa se materializar por meio da ação.

Realização: é um trabalho que tem um compromisso com o êxito, com o sucesso, que está determinado a cumprir com os objetivos propostos.

Em resumo, o trabalho voluntário é uma ação de qualidade, feito com prazer em direção a uma solução que não precisa ser necessariamente

grande, mas precisa ser eficiente. É a somatória desses êxitos que fará a diferença.

Uma das principais características do voluntariado é a liberdade: você pode fazer o que gosta e quer. Evidentemente a liberdade está ligada à responsabilidade e você deve, portanto, escolher com cuidado o trabalho que deseja fazer para só se comprometer com o que de fato puder realizar.

Ser voluntário na sua Casa Espírita cria oportunidades para aprender novas habilidades, fazer amizades e vivenciar experiências diferentes, num processo em que você muda o mundo e o mundo muda você. É um processo de autoconhecimento e crescimento contínuo, mas que exige algumas reflexões anteriores. Vamos refletir sobre alguns pontos, conhecendo-nos melhor e descobrindo, assim, qual atividade voluntária abrigaria seu desejo de transformação social.

Ao decidir assumir o compromisso de colaborar com a Casa Espírita de forma voluntária, tenha em mente que estará assumindo uma série de Responsabilidades, não só com a Casa Espírita em si, mas com toda a comunidade à que ela atende.

Os voluntários são participantes de equipes de trabalho integradas não apenas por companheiros encarnados, mas também, por Espíritos amigos.

DEVERES E RESPONSABILIDADES DO VOLUNTÁRIO

- respeito à instituição em que trabalha;
- respeito à organização do trabalho: não criticar;
- não desenvolver atividade individual paralela ao da equipe assistencial, isto é, nada prometer ou dar ao assistido que não esteja de acordo com a sistemática estabelecida pelo Cepe, sabendo respeitar as orientações recebidas;
- saber apresentar sugestões após conhecer a tarefa e sentir-se plenamente integrado nela;
- assiduidade e pontualidade;
- ordem, sequência e perseverança no trabalho: fazer sempre o melhor; estar disposto a enfrentar as dificuldades que surgirem, tais como a falta de recursos humanos e financeiros.

- receptividade à avaliação quanto ao seu desempenho, para o bom andamento das tarefas a seu cargo;
- frequência às reuniões marcadas pela direção do trabalho, seja para estudo, treinamento, avaliação etc.;
- interesse em participar de reuniões com outros grupos, para troca de experiências.

FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA DO VOLUNTÁRIO

- o estudo constante da Doutrina Espírita, pois somente por meio do conhecimento adequado do Espiritismo terá condições de orientar, com segurança doutrinária, as pessoas que procuram o Cepe;
- o exercício da Lei do Amor, conforme ensinada pelo Espiritismo.

Não nos esqueçamos de que, na escola da evolução, aquele que está em situação melhor tem o dever de ajudar, com amor, o irmão em maiores dificuldades que as suas.

BENEFÍCIOS DO VOLUNTARIADO

O voluntariado tem um impacto significativo e positivo na casa espírita. Mas você sabia que ele pode ter muitos benefícios para você também? Aqui estão alguns deles:

- maior estabilidade emocional.
- possibilidade de fazer o que realmente gosta.
- se sentir parte da casa espírita.
- oportunidade de fazer novas amizades e ampliar o seu círculo de relacionamentos.
- descoberta de novas potencialidades, que não havia percebido antes.
- mudanças de pontos de vistas sobre o seu próprio valor, melhorando inclusive a autoestima.
- motivação e sentido de realização.

- novos interesses e hobbies.
- novas experiências.

O conceito de realização pessoal, geralmente, está associado a ganhos financeiros, prestígio profissional, influência social e as mais variadas conquistas particulares. Seus resultados visam quase que unicamente o bem estar e o prazer do seu agente, ficando o semelhante numa posição secundária.

A Doutrina Espírita dá um novo modelo de realização pessoal. Fundamenta-se no bem servir ao próximo, fazê-lo feliz, sem nenhuma recompensa exterior, pois estaremos trabalhando na edificação do amor no coração das criaturas, único caminho capaz de nos fazer sentir a felicidade plena e a sensação ímpar de realização.

O trabalho voluntário na casa espírita deve ser vivenciado com muito desprendimento, dedicação, felicidade, carinho, pois assim estaremos servindo ao Cristo.

RECURSO FAVORÁVEL À DESOBSESSÃO

Sabemos que a obsessão estabelece-se em decorrência das imperfeições humanas, nas relações entre semelhantes, nesta ou em outras experiências reencarnatórias e que na sua intensidade está intimamente relacionada com os procedimentos e ações sintonizadas no mal.

O inimigo invisível, ao perceber que sua vítima, mesmo em outra vestimenta corpórea, tem comportamento similar ao de outrora, sente-se estimulado a continuar sua vingança no intuito de causar-lhe desconforto e dores desnecessárias.

Se, ao contrário, depara-se com seu desafeto, comportando-se de maneira totalmente diferente da anterior, como, por exemplo, atuando como agente da misericórdia divina no alívio das dores dos semelhantes, ou mesmo contribuindo, com seu trabalho, para a felicidade de criaturas deste ou do outro lado da vida, a energia negativa que venha a liberar em direção à sua vítima será

amortizada ou mesma extinta, pois a força do bem, natural e espontâneo, lhe é superior.

PEQUENO ESTATUTO DO SERVIDOR DA BENEFICÊNCIA

Amar ardentemente a caridade.

Colocar-se no lugar da criatura socorrida.

Considerar a situação constrangedora da pessoa menos feliz como sendo sua própria.

Amparar com discrição e gentileza.

Encontrar tempo para ouvir os necessitados.

Nunca ferir alguém com indagações ou observações inoportunas.

Abster-se de quaisquer exhibições de superioridade.

Usar a máxima paciência para que o necessitado se interesse pelo auxílio que se lhe ofereça.

Jamais demonstrar qualquer estranheza ante os quadros de penúria ou delinquência, buscando compreender fraternalmente as provocações dos irmãos em sofrimento.

Aceitar de boa vontade a execução de serviços aparentemente humildes, como sejam carregar pacote, transmitir recados, efetuar tarefas de limpeza ou auxiliar na higiene de um enfermo, sempre que o seu concurso pessoal seja necessário.

Respeitar a dor alheia seja ela qual for.

Acatar os hábitos e os pontos de vista da pessoa assistida, sem tentar impor as próprias ideias.

Tolerar com serenidade e sem revide quaisquer palavras de incompreensão ou de injúria que venha a receber.

Olvidar melindres pessoais.

Criar iniciativa para resolver os problemas de caráter urgente na obra assistencial.

Evitar cochichos ou grupinhos para comentários de feição pejorativa.

Estudar para ser mais útil.

Não apenas verificar os males que encontre, mas verificar-lhes as causas para que se lhes faça a supressão justa.

Cultivar sistematicamente a bênção da oração.

Admitir os necessitados não somente na condição de pessoas que se candidatam a recolher os benefícios que lhes possamos prestar,

mas também na qualidade de companheiros que nos fazem o favor de receber-nos assistência, promovendo e facilitando a nossa aproximação do Cristo de Deus.

(Emmanuel – página recebida por Francisco Cândido Xavier.)

Bibliografia

SAPSE- Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita-FEB

Trabalho sobre voluntariado- C.E. Paulo e Estevão

12ª. AULA - FREQUENTADORES DA CASA ESPÍRITA

Podemos dividir os frequentadores da Casa Espírita da seguinte maneira:

1-Visitante

a) Necessitados:- são os que recorrem à Assistência Espiritual ou Social, sendo preciso encaminhá-los aos respectivos departamentos.

Eles vêm acompanhados de parentes e amigos que, encarnados ou desencarnados, precisam de tanto ou mais auxílio que o necessitado. Todos os seus acompanhantes devem ser recebidos com o mesmo carinho e atenção, pois, são encaminhados pelo Plano Espiritual com o intuito de receberem assistência adequada.

b) Ouvintes:- podemos considerar os ouvintes de duas maneiras: primeiramente, aqueles irmãos que são revestidos com a curiosidade, adentrando à nossa casa com o intuito primeiro de questionar ruidosamente aquilo que ainda não conseguem compreender.

Cabe ao prestativo dirigente tratá-lo com habilidade, para que ele passe de inquiridor impertinente ao observador criterioso e ponderado. Em segundo lugar, temos aqueles irmãos que gostam de ouvir preleções, palestras, simpósios, sem, porém se interessarem pelo estudo mais profundo da Doutrina Consoladora.

Novamente o Dirigente é peça fundamental, o qual deverá estimular estes nossos companheiros a voltarem mais vezes e encaminhá-los a posteriores cursos e trabalho na casa.

c) Fraternos:- como a palavra nos diz, são aqueles irmãos que imbuídos de boa vontade, vem de outras casas assistirem aos nossos trabalhos, traçando considerações sobre suas realizações, levantando sugestões várias, enfim verificam a grande união que deve haver entre todos indistintamente.

2-Frequentedor

a) Assistidos:- são aqueles irmãos que se encontram em assistência espiritual, para serem quando estiverem equilibrados, posteriormente encaminhados aos Grupos de Estudos.

b) Estudantes:- eles caracterizam os companheiros que frequentam os Grupos de Estudos, com o intuito de se esclarecer a respeito dos

princípios e das finalidades, que envolvem a Doutrina Espírita, pela luz da racionalidade científica e filosófica e pela fé consciente.

c) Tarefeiros:- são aqueles companheiro responsáveis pela dinâmica da Casa Espírita. Médiuns, colaboradores diversos da área social e espiritual , incluindo dirigentes, presidente, os quais devem todos unidos, impulsionarem o trabalho da Seara do nosso Mestre.

Cabe ao dirigente da reunião, frente aos tipos de frequentadores, estar atento ao transmitir informações e ideias, levando-se sempre em consideração às necessidades e o equilíbrio de cada um, pois conhecendo os frequentadores com suas características individuais, melhor pode o dirigente atendê-los.

Bibliografia.

Reunião de Orientação aos dirigentes de Sessões Espíritas- FEESP

13ª. AULA - SESSÕES ESPÍRITAS – OBJETIVOS E FINALIDADES

Quando falamos em sessão espírita, associamos imediatamente, a ideia daquela reunião composta por pessoas quer buscam através do trabalho prático mediúnico, do estudo e da orientação, obter um maior equilíbrio perante os problemas que diariamente somos compelidos a enfrentar. É dentro deste conceito arraigado em todos que recorrem à uma sessão espírita, que iremos salientar as propostas kardecistas de uma sessão espírita, destacando dentre elas, aquela finalidade maior da Doutrina dos Espíritos e de libertar consciência através do conhecimento da verdade, implícito na cristianização do homem.

UTILIDADES DE UMA SESSÃO ESPÍRITA

Atender as almas nas buscas incessantes a Deus, fornecendo-lhes em doses paulatinamente assimiláveis e esclarecimentos contidos no Livro dos Espíritos.

Divulgar a Doutrina dos Espíritos e o Evangelho como norma de conduta, facultando a compreensão dos porquês desta vida e da vida eterna.

Consolar aos que sofrem pela comprovação de que a vida continua obediente a Soberana Justiça, a Infinita Bondade e ao Perfeito Amor do Criador, manifestados através das Leis da Reencarnação e da Causa e Efeito.

Promover a evolução espiritual do dirigente, médiuns e frequentadores através do esforço individual e comum em aprender e vivenciar o Evangelho.

SESSÃO MISTA

É aquela reunião na qual se desenvolve todos os tipos de trabalho espírita, desde a Orientação Espiritual, Desenvolvimento Mediúnico, Doutrinação, Comentários Evangélico-Doutrinárias, até Vibrações Individuais, Coletivas, à Distância, Passes, etc.

Estas sessões mistas podem ser comparadas com as Reuniões Frívolas experimentais e Instrutivas que Kardec salienta no capítulo XXIX pergunta 325/327 do Livro dos Médiuns, nas quais verificamos existir uma sequência que obedece a um aprimoramento de intenções.

EVOLUÇÃO DAS SESSÕES MISTAS

Estas reuniões que se realizam semanalmente, obedientes a dinâmica de um roteiro, que em geral abrange recepção breve pelo dirigente; abertura dos trabalhos; prece inicial; comentários evangélicos; desenvolvimento mediúnico; comunicação espiritual; vibrações; passes; prece de encerramento; tendem a se desenvolver, pois, aumenta o número de assistidos, médiuns, tarefeiros e desenvolvimento e colaboradores. Isto faz com que cada uma das partes da reunião mereça maior atenção, exigindo pouco a pouco, uma ampliação das atividades da sessão mista, segundo as necessidades que irão surgindo. É neste momento que se torna prudente e oportuno desmembrar a sessão mista, transformando-a em Sessões Especialidades, evitando a repetição da sessão mista em outros ou outros dias da semana.

DESMEMBRAMENTO DA SESSÃO MISTA

O desmembramento consiste na divisão da sessão mista em duas ou mais partes que serão desenvolvidas e realizadas em outros dias da semana, O atendimento, a Orientação, os Passes, Os Comentários Evangélicos, passariam a ser efetuados numa nova sessão, num outro dia e hora, estruturando desta forma simples e natural.

Bibliografia- Reunião de Orientação aos dirigentes de Sessões Espíritas-FEESP.

14ª. Aula - ASSISTÊNCIA SOCIAL ATRAVÉS DOS TEMPOS

ASSISTÊNCIA SOCIAL ANTES DO CRISTO

Egípcios – 5000 a.C. – respeitavam o próximo e reverenciavam os mortos.

Babilônios – 3000 a.C. – dispensavam consolo aos aflitos e não separavam os casais de escravos. Acreditavam em um deus superior, embora adorassem as forças da natureza. Hamurabi (1730 a.C.) foi rei babilônico e deu a seu povo um código de leis com a finalidade de implantar justiça na Terra, destruir os maus e o mal, prevenir a opressão do fraco pelo forte, iluminar o mundo e propiciar o bem-estar do povo.

Hindus – 600 a.C. – surgiu Buda, o fundador do Budismo, que ensinava por parábolas a tolerância, a igualdade e a bondade. O sistema de moral resumia-se na ciência, energia, pureza, paciência, caridade e esmola. Trezentos anos antes de Cristo é criado, na Índia, o primeiro hospital da história, onde eram atendidos pessoas e animais. Os hindus acreditavam na transmigração da alma dos homens para os animais (metempsicose).

Chineses – 600 a.C. – Confúcio ensinava a bondade e a lealdade fim de se alcançar um ideal superior.
Os chineses condenavam a guerra.

Gregos – eram intelectuais, cultivavam as artes dando-lhes caráter religioso; respeitavam o trabalho e valorizavam a hospitalidade. A Grécia foi berço de cultura filosófica, onde viveram Sócrates, Platão e Aristóteles (455-322 a.C.). As ideias de fraternidade e assistência eram superficiais e obedeciam a interesses pessoais e políticos.

Romanos – davam aos pais poder absoluto sobre os filhos; tratavam os escravos com rudeza. Quando havia problemas sociais, ameaçando a segurança do trono, era hábito servir ao povo banquetes seguidos de distribuição de mantimentos e dinheiro, a fim de aplacar a ira do povo, sufocando possíveis revoltas. Era uma medida meramente paliativa.

Judeus – entre os povos antigos foram os primeiros a manifestar noções ainda confusas de generosidade. Eram mais bem instruídos sobre Deus e os homens; demonstravam preceitos sociais mais aperfeiçoados; tinham mais consideração pela mulher e a ideia de fraternidade era mais desenvolvida; cuidavam dos mais fracos, dos pobres, das crianças e dos

estrangeiros; pagavam o dízimo em favor do pobre; castigavam os que exploravam o semelhante cobrando juros excessivos; recomendavam o amor ao próximo, mas não ao inimigo.

ASSISTÊNCIA SOCIAL COM O CRISTO E DEPOIS DELE

Com Jesus Cristo a assistência resplandece em cada ato, como está gravado nas páginas do Evangelho, abrangendo o tríplice sentido de universalidade:

- 1) alcança todos os homens: escravos, inimigos e perseguidos;
- 2) estende-se além do campo material, atendendo também às necessidades morais e espirituais, visando ao mesmo tempo o corpo e a alma;
- 3) penetra todas as instituições, dilatando o conceito de justiça e de fraternidade.

O Evangelho de Jesus dá a base para a verdadeira caridade e amplia o conceito de amor ao próximo, conforme se depreende dos ensinamentos abaixo:

O Bom Samaritano (LUCAS, 10:25-37).

«Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei também a eles...» (MATEUS, 7:12).

«Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem.» (LUCAS, 6:31).

O que é necessário para salvar-se (MATEUS, 25:31-46).

O amor aos inimigos (MATEUS, 5:43-47; LUCAS, 6:32-36).

A Igreja do Caminho, casa dos apóstolos em Jerusalém, atendendo aos preceitos de Jesus, prestava socorro aos necessitados, com carinho e dedicação. Atendia a loucos, anciãos abandonados, crianças esqueléticas e famintas; servia sopa aos mendigos. A palavra evangélica era difundida com entusiasmo e amor.

Mais tarde, com a expansão do Cristianismo, foram fundadas as Diaconias, com o fim de atender ao pobre e organizar a assistência corporal e espiritual. A mulher (diaconisa) era encarregada de amparar os órfãos, viúvas e doentes.

Com a peste em Cartago e o tifo em Alexandria, os cristãos se dedicavam dia e noite ao atendimento aos doentes e sepultamento dos mortos: todos eram considerados irmãos, e os escravos tratados como homens; a assistência se estendia aos moribundos e aos encarcerados.

Trajano, imperador romano (ano 98), estabelece, em Roma, a assistência pública, em caráter ainda político: sustentava 300 crianças para que se tornassem futuros soldados.

Em Constantinopla (ano 312), é criado por Santa Helena — mãe de Constantino, convertido ao Cristianismo — o primeiro hospital cristão.

Daí por diante, foram surgindo hospedarias para viajantes e peregrinos; abrigos para velhos, doentes e indigentes; creches e ambulatórios. Ao redor das igrejas, desenvolviam-se escolas, hospedarias e hospitais, conhecidos pelo nome de «Casas de Deus» ou «Santas Casas». Os monges desenvolviam a agricultura, protegiam e auxiliavam as populações agrupadas em torno de seus mosteiros.

No século XII, apareceram várias congregações beneficentes; na França, havia 2000 hospitais e 200 leprosários cristãos. São Luís, rei da França, alimentava os pobres e fundou um retiro para cegos.

Na Hungria, Santa Isabel consagrou sua vida aos pobres; São Francisco de Assis (Itália), Santa Isabel (Portugal), Santa Catarina, Papa Leão IX e outros foram heróis da caridade nessa época.

A reforma religiosa (século XVI), provocada em parte pelo abuso do clero, dá origem ao Protestantismo. Era uma época de pobreza devida às guerras. As obras assistenciais são absorvidas pelo governo com resultados negativos. É fundado o Exército da Salvação, com a finalidade de acabar com a pobreza e desenvolver uma ação moral e religiosa.

No século XVIII, São Vicente de Paulo deu novos rumos à assistência, desenvolvendo a visita à casa dos pobres a fim de melhor conhecê-los nas suas necessidades e problemas. Juntamente com Luiza de Marillac, funda a Associação das Damas de Caridade, estendendo seu programa assistencial.

Em 1833, aparece Frederico Ozanam, estudante de Medicina, que organiza a Conferência Vicentina, cuja finalidade era visitar o pobre em domicílio, segundo São Vicente de Paulo, hábito que se espalhou por todo o mundo.

Por iniciativa, trabalho e apelo do suíço Henri Dunant, em 1864, é organizada a Cruz Vermelha, destinada a socorrer os feridos de guerra.

No Brasil, em 1530, Nóbrega e Anchieta, vindos de Portugal, se dedicam ao trabalho de catequese dos índios e à assistência em geral. Brás Cubas, em 1543, cria a primeira Santa Casa em Santos, que se multiplica por todo o Brasil.

Fabiano de Cristo, português, por volta de 1700, veio para o Brasil, ingressando mais tarde na ordem dos franciscanos. Dedicou sua vida à prática da assistência aos doentes e necessitados.

ASSISTÊNCIA SOCIAL COM O ESPIRITISMO

O Espiritismo, com Allan Kardec, traz nova luz à tarefa assistencial, realçando a responsabilidade de seus seguidores pelo preceito «Fora da Caridade não há Salvação»; fundamenta a praticada fraternidade no Evangelho do Cristo. Destacam-se os capítulos X, XI, XII, XIII e XV de O Evangelho segundo o Espiritismo sobre o assunto.

A primeira campanha promovida por entidade espírita de que se tem notícia foi realizada por Kardec, através da Revista Espírita (janeiro de 1863), com o objetivo de arrecadar recursos para socorrer os operários de Rouen, França, vitimados por rigoroso inverno. Graças às doações recebidas foi possível levar alguma tranquilidade a inúmeras famílias em provação.

No Brasil, muitos foram os espíritas cuja dedicação e amor, no campo assistencial, se transformaram em exemplo. Entre eles, destacam-se Bezerra de Menezes, Eurípedes de Barsanulfo, Anália Franco e Batuíra.

Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) – apóstolo do Espiritismo. Como médico, dedicou-se, com grande desapego e amor, à assistência aos doentes e a todos que o procuravam necessitados de auxílio.

Eurípedes de Barsanulfo (1880-1918) – natural de Sacramento-MG, educador, espírita, dotado de diversas faculdades mediúnicas, dedicou sua vida à educação do jovem, aos aflitos e abandonados pela sorte. Atendia a todos que o procuravam e ainda, em momentos de folga, saía pelos arrabaldes da cidade a socorrer doentes, assistindo os necessitados de toda ordem e pregando a doutrina do amor ao próximo.

Anália Franco (1856-1919) – emérita educadora se entregava de corpo e alma, à prática do bem. Fundou e supervisionou mais de 70 asilos, creches e escolas espalhadas por vários estados brasileiros. A síntese do seu pensamento era: O nosso fim é procurar diminuir cada vez mais em nosso meio a necessidade da esmola pelo desenvolvimento da educação e do trabalho, de que provém o bem-estar e a moralidade das classes pobres. Eduquemos e amparemos as pobres crianças que necessitam de nosso auxílio, arrancando-as das trilhas dos vícios, tornando-as cidadãos úteis e dignos para o engrandecimento de nossa pátria.

Antônio Gonçalves da Silva, «Batuíra» (... -1909) – português, veio para o Brasil ainda criança e, como imigrante, aqui cresceu e desenvolveu sua obra de dedicação ao próximo. Em 1873, por ocasião da epidemia de varíola, assistiu os doentes e flagelados com verdadeiro espírito de renúncia, dando não apenas o remédio, mas também o pão, o teto e o agasalho. Começou como jornalista e terminou seus dias como jornalista espírita. Foi o fundador e impressor do jornal Verdade e Luz.

Em 20 de abril de 1890, é criada a Federação Espírita Brasileira, então sob a presidência do médico homeopata Dr. Francisco Dias da Cruz, a Assistência aos Necessitados, com o objetivo de assistir, em suas necessidades materiais e espirituais, os que viviam em penúria física ou moral. Dada a sua importância, a Assistência aos Necessitados se tornou o centro das ações promovidas pela FEB na sua tarefa de divulgação do Espiritismo.

Bibliografia-

Sapse- Feb

Orientação às Casas Espíritas- Feb

15ª. Aula - CARIDADE II

A CARIDADE SEGUNDO PAULO

Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; – ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. – E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade.

(S. PAULO, 1ª Epístola aos Coríntios, 1 a 7 e 13.).

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 6.

O que é a caridade? Seria darmos esmolas, levarmos comida aos necessitados, comprarmos uma rifa beneficente? Fazer isso nos daria a consciência tranquila do dever cumprido como cristãos?

Paulo, nesta passagem, mostra aos cristãos de Corinto que a caridade é algo muito mais profundo e importante do que apenas darmos o que nos sobra aos carentes. Embora isto também seja um ato caritativo, não resume a grandiosidade desta virtude.

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine".

De nada adianta ser belo na palavra e pobre de ações. O exemplo de mudança íntima, de luta constante contra as imperfeições, deve fazer parte da vida dos que se dedicam a divulgar a mensagem cristã.

Conheceremos se a árvore é boa pelos frutos, alertou Jesus. Caso contrário, a palavra será como o sino que tine, ou seja, fará muito barulho e chamará a atenção, mas não modificará os corações e inteligências a que é direcionada.

"E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria."

Ter conhecimento espiritual não faz do ser um indivíduo caridoso. É Jesus mesmo que se diz agradecido a Deus, por haver escondido os mistérios divinos dos sábios e os revelado aos simples (Mateus, cap. XI), referindo-se ao sentimento e à fé nos ensinamentos espirituais. A mediunidade e o entendimento das Leis do universo dão sim ao ser maior responsabilidade frente à vida, e de posse disso devem seus detentores modificar suas condutas e buscar a humildade.

A fé também não é sinônimo de caridade, pois sem obras é morta, segundo o apóstolo Tiago, em sua Epístola, cap. II, vers. 17. Com a afirmativa de que por mais fé que tivermos em Deus e em nossas próprias forças nada seremos se não tivermos a caridade. Muitos de nós acreditamos que a crença inabalável é porta aberta para ajuda do Alto. Porém, se não nos ajudarmos, praticando aquilo em que cremos através do bom exemplo, qual a vantagem de possuir fé?

" E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria".

Dar esmolas e acabar com a necessidade material do próximo é muito importante. Mas preciso é alertar às pessoas que tudo depende da intenção. Se fizermos a doação material com o objetivo de aparecermos aos outros, ou então para aliviarmos nossa consciência, estaremos nos enganando. Além disso, corremos o risco de ajudar ao necessitado, mas humilhá-lo ao mesmo tempo, com um ar de superioridade que o ferirá. A doação desinteressada deve brotar da compreensão da Lei de Deus, tornando-nos irmãos de quem ajudamos e tendo como único fim o amparo e alívio do sofredor.

Ainda neste trecho, Paulo instrui de que nada adianta nos auto-flagelarmos, com o intuito de mostrarmos para quem nos vê que somos crentes em Deus. Mais importante que castigar o corpo, com privações e sofrimentos, é sufocar as más tendências, verdadeiras mães de nossas desgraças.

"A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; não trata com leviandade; não se ensoberbece".

O apóstolo mostra que a verdadeira caridade traz a resignação, que é o entendimento das dificuldades da vida como obstáculos a serem vencidos,

objetivando o progresso espiritual. Alia a bondade para com todos, independente do momento, pois a vingança e o ódio corroem o sentimento e turbam os sentidos racionais, enquanto o perdão enobrece o ser. Diz ainda que a prudência deve fazer parte de quem busca a caridade, pois ser leviano traz consequências inesperadas, e o orgulho do homem pode contribuir para o afastamento de Deus.

"Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade".

Em um mundo onde o que mais vale é a satisfação pessoal, mesmo em detrimento da paz alheia, a caridade busca decência e fraternidade. Com certeza, esta dor do próximo será revertida em desespero, rancor, violência, que mais cedo ou mais tarde, acabará voltando-se contra nós mesmos, nossos filhos ou amigos.

Irritar-se é a melhor forma de perdermos a razão, por isso a paciência e a sensatez fazem parte da caridade, levando o homem a pensar antes de agir. Assim, devemos lembrar a que a justiça irá se fazer mais presente em nossa sociedade, libertando os seres das mentiras e intrigas que envolvem interesses pessoais. É a verdade prevalecendo, e só ela pode nos libertar da ignorância, disse Jesus.

"Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

Tudo tem sua hora. Saber esperar é próprio da caridade. Quando o ser amplia sua visão além da vida material, vê no horizonte a luz necessária para manter-se animado e vivo. Busca na sabedoria cristã o esclarecimento para suas dúvidas, deixando de lado o desespero. É o caminho do equilíbrio proporcionado pela caridade.

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade. Mas a maior destas é a caridade" (Paulo, I Coríntios, cap. XIII, vers. 1 ao 13).

Mudança íntima, humildade, obras, exemplo, doação desinteressada, resignação, bondade, perdão, prudência, decência, razão, tranquilidade, sabedoria, justiça, amor ao próximo como a si mesmo. O que verdadeiramente Paulo diz sobre o que é a caridade: um conjunto de atributos morais e intelectuais, que fará do Espírito ser dono de seu próprio destino.

A fé e a esperança, indispensáveis para uma existência sensata e confiante, são assessoras da caridade, que será o sentimento principal a ser

buscado pelo homem de bem, libertando de seu egoísmo e encaminhando-o para o Reino de Deus.

"Todos os deveres do homem se encontram resumidos na máxima: Fora da caridade não há salvação (Allan Kardec, Evang. S. Esp., cap.XV, item 5).

Após a passagem de Paulo, lembremos acima a citação de Kardec. Diferente de outras religiões que colocam como essencial para a salvação (entenda-se liberdade com conhecimento) a frequência exclusiva em suas fileiras, a Doutrina Espírita mostra que o que interessa é a prática da caridade. Jesus nunca disse que esta ou aquela doutrina deveria ser seguida. Mas sim, resumiu a Lei e os profetas em: Amar a Deus sobre tudo e ao próximo como a si mesmo. Este é o lema do Espiritismo:

"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações". (Allan Kardec, E.S.E., XVII, 4).

Os Espíritos superiores sabem de nossas limitações e os ensinamentos cristãos são exatamente para ajudar-nos a superá-los. O que se espera do verdadeiro espírita, ou cristão, que têm o mesmo sentido, é o esforço constante em analisar-se moralmente. E sempre que se perceber fora dos atributos que constituem a caridade, que erga a cabeça, recomece novamente o caminho, sem desesperos ou pressa, mas a passos firmes e corajosos.

CARIDADE: SEU VERDADEIRO SENTIDO

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia, Jesus?

Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. '

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. ("...).

O Livro dos Espíritos, questão 886.

Bibliografia-Revista de Espiritismo No. 34 – FEP

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 6.

O Livro dos Espíritos, questão 886.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 4.

16ª. AULA - CARIDADE III

CARIDADE E JESUS

Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; – reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, – e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; – porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; – estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver.

Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?

– Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? – E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? – O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; – porquanto, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.

Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? – Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna.

(S. MATEUS, 25:31 a 46.)

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 1.

Jesus foi um exemplo vivo da prática do amor e da caridade, que se constituem em fundamentos básicos do Cristianismo.

Para o Espiritismo, que é uma Doutrina essencialmente cristã, o amor e a caridade constitui-se em deveres inadiáveis.

Na realidade, o amor e a caridade inter-relacionam-se estreitamente. O primeiro é o sentimento maior, herdado de Nosso Pai Eterno, que temos por dever engrandecê-lo, cada vez mais, pela sua exteriorização a Deus e aos

semelhantes. A caridade é o instrumento que nos possibilita a distribuição de benefícios inúmeros aos semelhantes, externando amor e engrandecendo a nossa faculdade íntima de amar.

CARIDADE E ESPIRITISMO

Em “O Livro dos Espíritos”, a caridade cristã está definida como “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

Já no “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Allan Kardec elucida-nos que não podemos amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo; que a beneficência, praticada sem ostentação, presta-se a caridade material e à caridade moral, sendo que só esta resguarda a suscetibilidade do beneficiado, permitindo-o aceitar o benefício sem dano ao seu amor próprio; e que, enfim, todos os deveres do homem podem ser resumidos nesta máxima: “Fora da caridade não há salvação”.

Léon Denis também nos ensina que a caridade é a virtude por excelência; que só ela nos dá a chave dos destinos elevados; que a caridade material tem aplicação limitada, em forma de socorro, apoio e animação aos semelhantes, mas que a caridade moral pode ser estendida a todos os que participam da nossa existência neste mundo; e que tudo o que fizermos pelos irmãos, em atos, sentimentos e pensamentos, fica gravado no perispírito, de modo permanente, garantindo-nos recompensas em existências futuras.

Portanto, a prática da caridade, provando amor a Deus e aos semelhantes, é o meio superior e seguro de conquistarmos grandes virtudes e ascensão na hierarquia espiritual, com resultados venturosos.

Ainda, ao adotarmos, no dia-a-dia, a máxima “Fora da caridade não há salvação”, estamos firmemente empenhados na prática do Mandamento Maior, que é a Lei de Amor a Deus e aos Semelhantes. Isso exige, evidentemente, de nós: trilhar, de modo incansável, as sendas da bondade e das virtudes; libertar do egoísmo, da vaidade e do orgulho; tratar, de modo fraterno e justo, todos como irmãos; buscar sempre o aprimoramento pessoal para poder melhor servir; cumprir todos os deveres pessoais e sociais; e respeitar os direitos e as crenças humanas.

CARIDADE E OS BONS ESPÍRITOS

Os Bons Espíritos, através de diversos médiuns brasileiros, têm nos ensinado novas lições sobre a caridade e nos estimulado à prática de ações simples, que não envolvam, necessariamente, o uso de dinheiro, mas que são também formas de sermos mais amorosos.

Eis um breve resumo dessas lições dos Espíritos Amigos contida em diversos livros espíritas. Por essas lições aprendemos que praticar a caridade é:

Fazer o bem, pacientemente.

Ser útil, em todas as ocasiões, sem esperar recompensas ou retribuições. Não descuidar dos mínimos atos e gestos cotidianos, a partir do próprio lar. Doar bens que não nos têm mais serventia.

Orar pelos necessitados, amigos ou inimigos.

Educar e ensinar sempre, principalmente as crianças.

Vencer o orgulho, o egoísmo e a vaidade, que tantos males ocasionam a nós e ao próximo.

Fazer justiça e defender sempre os indefesos e injustiçados.

Não se queixar de situações e de pessoas, dilatando a compreensão das causas e dos benefícios que podemos tirar delas.

Enxugar lágrimas e ajudar e consolar as pessoas sofredoras e aflitas.

Não distinguir as pessoas por raça, crenças ou posições políticas e sociais, porque todos somos irmãos em evolução, Filhos do mesmo Deus, apenas vivendo experiências diversas e detendo graus diferentes de aprimoramento espiritual.

Respeitar as convicções sinceras dos semelhantes, como gostaríamos de ter as nossas respeitadas. Usar adequadamente as palavras para não gerar pensamentos, imagens, sentimentos e atitudes indesejáveis.

Cumprir os compromissos assumidos.

Trabalhar sempre para aliviar os sofrimentos físicos e morais dos semelhantes.

Não alimentar sentimentos de ódio, rancor e desejos de vingança contra os próximos, contrariando os ensinamentos de Jesus.

Saber perdoar sempre, esquecendo as ofensas.

Ser indulgente para com os defeitos e as fraquezas alheias, compreendendo que todos ainda somos imperfeitos, mas em processo de aprendizado e evolução.

Combater as próprias imperfeições para não ferir com elas os semelhantes. Usar, com benevolência e sabedoria, os talentos, a riqueza e a autoridade.

Enfim, praticar a caridade, com amor, é, hoje e sempre: servir,

socorrer, auxiliar, compreender, consolar, doar, cumprir, iluminar, falar, ouvir, esclarecer, ensinar, perdoar, tolerar, orar, esperar, confiar, abençoar, reconfortar e trabalhar

CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO

Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar:

Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna? – Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela? – Ele respondeu: Amarás o Senhor teus Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo. – Disse-lhe Jesus:

Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas, o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus:

Quem é o meu próximo? – Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. – Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. – Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. – Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. – Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. – No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões? – O doutor respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. – Então, vai, diz Jesus, e faze o mesmo. (S. LUCAS, 10:25 a 37.)

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 2.

Bibliografia

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 1.

O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 2.

O Livro dos Espíritos – Parte Terceira, Capítulo XI – Da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade;

O Evangelho Segundo o Espiritismo” – Capítulo XIII: Não saíba a vossa esquerda o que dê a vossa mão direita. Capítulo XIV: Honrai o vosso pai e a vossa mãe. Capítulo XV: Fora da Caridade não há salvação.

Depois da Morte” – Leon Denis– Parte Quinta, Capítulo XLVII – A

Caridade. FEB, 12ª edição, P. 272 a 279

Revista Informação ANO XVI 182 Janeiro de 1992, escrita por Geziel Andrade.

Conteúdo

OS OBREIROS DO SENHOR	2
1ª. AULA- DINÂMICA NA CASA ESPÍRITA	3
2ª. AULA - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DE UMA CASA ESPÍRITA	6
3. AULA - O TRIPLICE ASPECTO DA DOUTRINA ESPÍRITA	9
4ª. AULA - O CREDOS ESPÍRITA.....	13
5ª.AULA - O PRINCIPIO DE AÇÃO E REAÇÃO.....	18
6ª. AULA - O TRABALHO E A ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	27
7ª. AULA - PROGRESSO MORAL E INTELECTUAL	31
8ª. AULA - VIDA SOCIAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL E ESPÍRITA	35
9ª. AULA - CARIDADE I.....	45
10ª. AULA - SUPERANDO DIFICULDADES E OBSTÁCULOS	51
11ª. AULA - VOLUNTARIADO- O QUE É?	55
12ª. AULA - FREQUENTADORES DA CASA ESPÍRITA.....	62
13ª. AULA - SESSÕES ESPÍRITAS – OBJETIVOS E FINALIDADES	64
14ª. Aula - ASSISTÊNCIA SOCIAL ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	66
15ª. Aula - CARIDADE II.....	71
16ª. AULA - CARIDADE III	75